

**NEA***arco*

**Revista Eletrônica de Antiguidade**

**2009**

**Ano II – Número IV**

**ISSN 1982-8713**

**NEA – Núcleo de Estudos da Antiguidade**  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
[www.nea.uerj.br](http://www.nea.uerj.br)

## **UERJ - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

### **Reitor**

*Prof. Dr. Ricardo Vieiralves de Castro*

## **IFCH - INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

### **Diretor**

*Prof. Dr. José Augusto Souza Rodrigues*

## **DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

### **Chefe**

*Prof. Dr. André Campos*

## **NEA - NÚCLEO DE ESTUDOS DA ANTIGUIDADE**

### **Coordenadora**

*Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Maria Regina Candido*

### **EDITORES**

- *Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Maria Regina Candido*
- *Prof. Ms. José Roberto de Paiva Gomes*

### **CONSELHO EDITORIAL**

- *Prof. Dr. Alexandre Carneiro Cerqueira Lima - UFF*
- *Prof. Dr. Fábio de Souza Lessa - UFRJ*
- *Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Maria Cecilia Colombani - Universidad Mar Del Plata*
- *Prof.<sup>a</sup>. Dra. Claudia Beltrão da Rosa - UNIRIO*
- *Prof. Dr. Vicente Carlos R. Alvarez Dobronuka - UnB*
- *Prof. Dr. Julio César M. Gralha - UNICAMP*
- *Prof. Drando Cristiano P. M. Bispo - UERJ*
- *Prof. Dr. Daniel Ogden - Exeter University London*

Capa: Equipe NEA

*Winged Victory of Samothrace*  
The Louvre, Paris  
14"x11" Oil  
[www.TrentGudmundsen.com](http://www.TrentGudmundsen.com)  
All images ©, Trent Gudmundsen

Editoração Eletrônica: Equipe NEA  
[www.nea.uerj.br](http://www.nea.uerj.br)

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS / CCS/A

N354 Nearco: revista eletrônica de antiguidade. - Vol. 1, n.4  
(2009) – Rio de Janeiro:UERJ/NEA, 2009-  
v.4 : il.

Semestral.

ISSN 1982-8713

1. História antiga - Periódicos. I. Universidade do Estado  
do Rio de Janeiro. Núcleo de Estudos da Antiguidade.

CDU 931(05)

## Sumário

Apresentação, 5

### *Espaço Philia*

**CANDACES: DOIS DISCURSOS, DUAS REPRESENTAÇÕES, 6**

Cristiano Bispo

**ALFABETO ROMANO HISTÓRIA E METODOLOGIA PARA ESTUDOS CLÁSSICOS  
E MEDIEVAIS, 17**

Gabriel Soares

**DEUSES E SEUS CÃES – NEHALENNIA ICONOGRAFIAS E RELIGIOSIDADE: DO  
SÉCULO II D.C PARA O SÉCULO XXI D.C, 28**

Renata Macedo Maia da Silva

**A RELAÇÃO ENTRE ROMA E OS ‘CELTAS’: UM ESTUDO INICIAL A PARTIR DOS  
RELATOS ANTIGOS SOBRE AS MULHERES CELTAS, 38**

Pedro Vieira da Silva Peixoto

**A JUDÉIA ROMANA À LUZ DE TRÊS “INVARIANTES HISTÓRICOS”:  
RESISTÊNCIA, TOLERÂNCIA E INTOLERÂNCIA, 47**

Prof. Mestrando Jorwan Gama da Costa Junior

**TICINUM: UM ESTUDO DA PROPAGANDA POLÍTICA DE CONSTANTINO I, 57**

Mestrando Diogo Pereira da Silva

**DISPUTAS POLÍTICAS E CONFLITOS SOCIAIS EM CORINTO  
NO SÉCULO V A.C., 68**

Maurício dos Santos Ferreira

## Apresentação

Neste número da revista consolida o Núcleo de Estudos da Antiguidade (NEA/UERJ) como um lugar de divulgação e produtor do saber acadêmico. Em nossos dez anos estabelecemos diversas publicações que tiveram a preocupação não somente de publicarmos artigos de professores renomados, mas de alunos de graduação e de pós-graduação com novas propostas de trabalhos muito interessantes e inovadoras.

Estamos na modernidade, ou na pós-modernidade e como historiadores devemos acompanhar as transformações do mundo moderno. Nosso projeto quando divulgamos as pesquisas em novos meios eletrônicos ou novas formas de mídia, CD's e internet, procuramos fazer uma ação inter e multidisciplinar, e mais democrático. Nosso objetivo proporcionar ao público novas temáticas que permitem pesquisadores e interessados em História Antiga instrumentalizar e utilizar novas tecnologias.

Muitos dos trabalhos em História Antiga refletem preocupações que também são constantes no tempo presente como gênero, família, guerra e sexualidade, por exemplo. Os trabalhos publicados procuram publicizar assuntos que complementam ou ampliam muitas vezes que livros tratam de forma muito generalizada. Ao divulgarmos tais perspectivas históricas procuramos enriquecer e ampliar a discussão histórica e, ao mesmo tempo, propor novas metodologias, novas potencialidades e de viabilizar um espírito crítico aos pesquisadores.

Os editores.

## CANDACES: DOIS DISCURSOS, DUAS REPRESENTAÇÕES

Cristiano Bispo<sup>1</sup>

A expansão Romana em África promoveu disputas violentas entre romanos e etíopes pela manutenção das fronteiras ao sul do Egito. As querelas foram descritas por Estrabão e Plínio, o velho, que destacaram a belicosidade e o espírito combativo da Candace, rainha-mãe, que assumiu o controle das tropas etíopes em diversas batalhas contra os romanos. Além das representações e discursos das candaces na Antiguidade, destacaremos os desfiles da Escola de Samba Salgueiro, em 2007, e do bloco-afro Ilê Aiyê, em 2008, que se apresentaram no carnaval com as candaces como tema principal.

O conflito entre romanos e etíopes foi narrado por Estrabão, na obra [Geographia](#), que ocorreu de 25 a 21 a. C, época em que o Prefeito de Roma no Egito era Gaio Petrônio. Estrabão, antes de narrar o episódio, iniciou seu comentário, ressaltando a paz e a tranquilidade das regiões africanas dominadas pelo Império Romano:

*O Egito encontrava-se agora, de um modo geral, predisposto à paz. O país era auto-suficiente e difíceis as invasões dos estranhos, pois estava protegida a norte por uma costa sem portos e pelo mar do Egito e a leste e oeste pelas montanhas desertas da Líbia e da Arábia, como já referi; as outras partes, as que ficam para sul, são habitadas pelos Trogloditas, Blémias, Núbios e Megabarros, aqueles etíopes que vivem para lá de Siene. Nómadas e pouco numerosos, não são guerreiros, embora os antigos julgassem que sim (...). Quanto aos etíopes que ficam para o sul de Méroe<sup>2</sup>, também não são muitos, nem tão pouco vivem num único grupo (...) Não estão bem apetrechados para a guerra nem para qualquer outra forma de vida. (Str. 17, 53).*

<sup>1</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História - UERJ. Orientação da Prof<sup>ª</sup> Dra. Marilene Rosa Nogueira e Co-orientação da Prof<sup>ª</sup> Maria Regina Cândido. O desenvolvimento desse artigo contou com o apoio do Programa de Auxílio à Pesquisa da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

<sup>2</sup> A cidade de Méroe localizava-se na região do vale Butana. Alimentada por chuvas constantes que tornava prospero a criação de animais e as colheitas, possibilitando um bom abastecimento das áreas urbanas. Tal como o Egito, a vida em Méroe estabeleceu-se nas margens do rio Nilo que constituiu o principal elemento de união deste grupo. O mais vasto limite territorial que se tem conhecimento de Méroe estendeu-se de Dakka (Núbia egípcia, próximo da Segunda Catarata) a Sennar (Nas margens do Nilo Azul).

Estrabão destacou a relativa paz no Egito devido a uma geografia que limitava as invasões estrangeiras e os numerosos grupos étnicos que não representaram nenhuma ameaça ao domínio romano na região. Segundo o autor, as tropas romanas acampadas no Egito não exigiram contingente numeroso e, na maior parte do tempo ficaram estacionadas, salvo em duas ocasiões:

*Cornélio Galo, o primeiro homem a ser nomeado prefeito do Egito por César, atacou Heroópolis, que se havia revoltado, e num instante a tomou com alguns soldados e em pouco tempo abafou uma insurreição que rebentara em Tebaida por causa dos tributos. Mais tarde, Petrônio, quando uma incontável multidão de Alexandrinos começou a atacá-lo, arremessando-lhe pedras, fez-lhe frente apenas com sua guarda pessoal e, depois de haver morto alguns, deteve todos os outros. (Str. 17, 54).*

Estrabão apontou para uma situação de paz e quando havia algum distúrbio, as tensões eram rapidamente apaziguadas por um contingente simples de soldados romanos. Esse ambiente de suposta harmonia foi rompido com o deslocamento de parte do exército romano estacionado no Egito para a Arábia, sob o comando de Élio Galo. Aproveitando desta temporária fragilidade, os etíopes resolveram atacar antigos postos comerciais importantes:

*numa surtida inesperada tomaram Siene, Elefantina e Filas, escravizaram os habitantes e derrubaram também as estátuas de César. Petrônio, porém, mesmo partindo com menos de 10.000 homens de infantaria e 800 de cavalaria ao encontro de 30.000, forçou-os primeiramente a retroceder para Pselchis, cidade etíope, e enviou embaixadores exigindo o que tinham tomado e também a pergutarem as razões por que haviam encetado as hostilidades (...).(Str. 17, 54).*

Nesse confronto, Estrabão ressaltou a fragilidade do exército etíope que estava mal equipado, onde muitos guerreiros portavam escudos de couro não curtido, lanças, espadas e machados. Séculos antes, Heródoto descreveu os armamentos e idumentárias dos combate etíopes:

*(...) os etíopes se vestiam com peles de panteras e leões. Seus arcsos, feitos com hastes de madeira de tamareira, eram grandes e eles disparavam flechas curtas feitas de caniços, cuja ponta em vez de ser feita de ferro era de pedra talhada e aguçada (...) além disso, lanças rematadas com um chifre de gazela aguçado, em vez de ferro empregado geralmente nas lanças e usavam ainda bordões guarnecidos de ponta de ferro. (...). (Heródoto, VII, 69).*

Petrônio, segundo Estrabão, avançou para o sul e dominou as cidades de Pselchis e Premnis, capturando centenas de etíopes. Dentre os fugitivos, enfatizou os generais da rainha de Candace<sup>3</sup> que, segundo o autor, era uma espécie de mulher homem e zarolha<sup>4</sup>.

Após dominar Pselchis e Premnis, os romanos chegaram à cidade de Napata, residência real da Candace. A cidade foi arrasada, os habitantes foram escravizados e as riquezas foram saqueadas. A investida de Petrônio contra os etíopes foi exposta da seguinte forma por Dio Cássio: *“mais uma vez este os voltou a vencer e entre outras cidades tomou também Napata, sua capital, que foi completamente arrasada”*. (História Romana, 54, 4-5) Plínio acrescenta sobre a tomada de Napata:

*Tomou as seguintes cidades (...) também saqueou a cidade de Napata. O ponto mais longínquo que atingiu foi a 870 milhas de Siene; mas, apesar de tudo, não foram as armas de Roma que fizeram daquela terra um deserto; a Etiópia foi desgastada por períodos alternados de domínio e submissão, numa série de guerras com o Egito. (História Natural, 6, 181-182).*

---

<sup>3</sup> Segundo a lista de soberanos elaborada pelo arqueólogo Hintze, a soberana da narrativa de Estrabão trata-se da Candace Amanishakete que teria governado de 41a 12 a. C.

<sup>4</sup> Os comentários sobre as características físicas da rainha de Candace não corresponde com os registros iconográficos da soberana nos sítios arqueológicos do Sudão e com os objetos encontrados em sua pirâmide. Os utensílios encontrados nos sepultamentos confirmam a preocupação com a estética e zelo com o corpo, a saber: marcas de antimônio na pintura dos olhos das mulheres, varetas e recipientes para a substância, vasos de vidro que serviam para armazenar óleos corporais e espelhos.

Ao retirar-se de Napata e levar um grande espólio, reforçou a fortaleza romana de Premnis e seguiu para Alexandria. Não se dando por vencida, a Candace reorganizou suas tropas com milhares de homens para retomar a cidade fortificada pelos romanos. Contudo, Petrônio descobriu o grande deslocamento e regressou para conter a invasão.

O impasse foi grande e os emissários da Candace solicitaram conversar com César Augusto, que estava em Samos, para negociar a paz. Segundo conta Estrabão, *“os embaixadores obtiveram tudo o que imploraram e César até comutou os impostos que havia imposto”* (Str. 17, 54).

Os conflitos entre romanos e etíopes desequilibrou o projeto de paz e harmonia nesta parte da África. Por mais que tivesse um exército capaz de conter as incursões etíopes, não seria vantajoso para Roma estender confrontos em regiões tão distantes.

Além deste conflito ocorrido no governo de César Augusto, houve outros confrontos entre romanos e etíopes no deserto. Segundo o arqueólogo Shinnie, *“uma batalha entre romanos e meroenos nos é dada por um Papiro de Milão, datada segundo fontes caligráficas de 60 a 94 d. C., que descreve um encontro no deserto entre romanos e etíopes que andou envolvida uma cavalaria”*. (SHINNIE, 1974, 48).

A presença das Candaces a frente dos guerreiros etíopes e sua ativa participação nos assuntos políticos e religiosos instigaram os pensadores romanos pelas cenas inéditas e inusitadas nos conflitos que envolveram romanos e etíopes nas atuais fronteiras do Egito e Sudão.

O termo Candace, título que deriva da palavra meroíta KTKKE ou KDKE, quer dizer rainha-mãe. Os registros mais preciosos sobre as posições ocupadas pelas mulheres na Etiópia ocorreram na XXV dinastia, conhecida como dinastia etíope ou kushita.

A função de grande sacerdotisa (*dewat neter*) de Amon em Tebas era exercida pelas filhas dos soberanos que além do prestígio religioso, gozavam de uma importante função política e econômica. Com o fim da dinastia etíope

no Egito, as mulheres continuaram obtendo grande importância no culto do Deus Amon em Napata<sup>5</sup>, importante centro religioso.

Outra importante função da rainha-mãe ocorria no ritual de coroação do filho e da nora. Havia, durante a cerimônia de coroação, um momento particular no qual a Candace adotava a esposa do filho. Esse ritual legitimava a autoridade da nora que no futuro assumiria a função de Candace, exercendo funções religiosas e políticas de grande relevância, sendo uma respeitável conselheira do rei. Segundo o pesquisador Hali Hakem,

*o sistema de realeza que se desenvolveu em Kush tinha algumas vantagens em relação ao sistema rígido de sucessão direta, pois eliminava o perigo de um sucessor indesejável, que se tratasse de um rei na minoridade, quer de uma personalidade impopular. A incorporação de novos membros à família real era assegurada pelo sistema de adoção, enquanto os vários contrapesos e controles inerentes, bem como a proeminência da rainha-mãe e a importância atribuída à legitimidade da descendência, garantiam a sua continuidade no poder (HAKEM, 1983, 304).*

No complexo sistema sucessório, destacamos as principais Candaces da lista de Hintze<sup>6</sup>: 1) Shanakdakhete (170-160 a.C.); 2) Amaniremas (80-65 a. C.); 3) Amanishakete (41-12 a. C.); 4) Amanitare (12-12 d. C.).

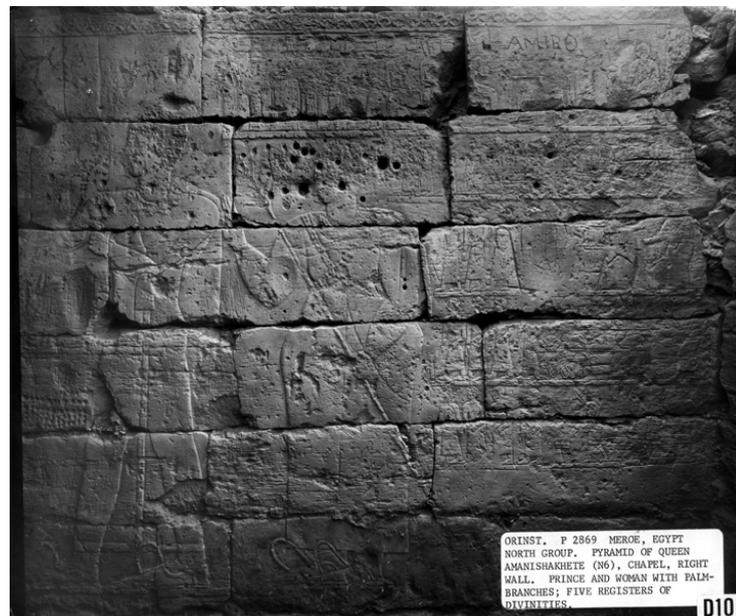
Nas imagens em templos e pirâmides as Candaces foram representadas com seios fartos e quadris largos que, provavelmente, remetem a um padrão de beleza das mulheres desta sociedade. Também, as representações voluptuosas dos seios e dos quadris indicam sinais de grande fertilidade da Candace, principal mãe e mulher de Méroe.

Vejamos a figura da Candace Amanishaquete entalhada na parede de sua pirâmide em Méroe:

---

<sup>5</sup> Nas narrativas de Heródoto a cidade de Méroe é descrita como a Capital dos etíopes. A substituição da Capital de Napata para Méroe, provavelmente, ocorreu entre os séculos VI ou V a. C. Mesmo após a mudança da Capital, Napata continuou sendo um importante complexo religioso até o final do século IV.

<sup>6</sup> A lista de reis apóia-se nos artefatos encontrados nas sepulturas reais escavadas por Reisner. A ordem fundamenta-se na posição das sepulturas nas necrópoles, partindo dos lugares mais importantes e melhores para os locais menos importantes. A duração de cada reinado foi calculada pelo tamanho das pirâmides e pela quantidade de objetos encontrados no espólio funeral.



A Candace Amanishakete, entalhada no centro da parede, segura um ramo de palmeira e veste um espécie de vestido longo até a altura dos tornozelos. A imagem segue o padrão físico representado em diversos documentos iconográficos, a saber: seios fartos, cintura fina, quadris largos e formas arredondadas.

A liderança familiar, religiosa, educacional, política, econômica e militar das Candaces estimulou a produção de representações sociais das soberanas rainhas em diversas instituições culturais brasileiras contemporâneas, dentre as quais destacamos as produções recentes do Bloco-afro Ilê Aiyê de Salvador e a Escola de Samba Salgueiro do Rio de Janeiro.

Em 2006, o Salgueiro apresentou seu enredo à comunidade e aos compositores. O tema *Candaces* foi escolhido para representar a agremiação no carnaval de 2007.

A composição de Dudu Botelho, Marcelo Motta, Zé Paulo e Luiz Pião venceu a concorrida disputa para a escolha do samba-enredo da instituição. A letra vitoriosa apresenta as seguintes representações e discursos sobre as Candaces:

*Majestosa África/Berço dos meus ancestrais/Reflete no espelho da vida/A saga das negras e seus ideais/Mães feiticeiras, donas do destino.../Senhoras do ventre do mundo/Raiz da criação/Do mito a história/Encanto e beleza/Seduzindo a realeza/Candaces mulheres, guerreiras/Na luta... justiça e liberdade/Rainhas soberanas/Florescendo pra eternidade (bis)/Novo mundo, novos tempos/O suor da escravidão/A bravura persistiu/Aportaram em nosso chão/Na bahia, alforria/Nas feiras tradição/Mães de santo, mães do samba!/Pedem proteção/E nesse canto de fé/Salgueiro traz o axé/E faz a louvação (...)*

A Escola de Samba Salgueiro estabeleceu em seu discurso uma associação das Candaces da Antiguidade (soberanas, mães e guerreiras) com as mães de santo e as mães do samba que exercem sua majestade nas ações solidárias do cotidiano, adquirindo respeito de diversas comunidades negras brasileiras.

No discurso da agremiação predominou a representação da *grande mãe* com uma concepção tríplice de maternidade. Em primeiro, a África é vista pelo tradicional imaginário da *mama África*, o continente é concebido como berço e origem. Em seguida, as mães guerreiras e zelosas por seus filhos soberanos são personificadas pela figura das Candaces. Por fim, as mães negras do Brasil são apresentadas pelo Salgueiro através das figuras tradicionais das mães do samba e das mães do terreiro, mulheres respeitadas pela postura comunitária e espírito materno.

Em 2007, um ano após o Salgueiro apresentar o enredo *Candaces*, o Bloco-afro Ilê Aiyê sugeriu o tema *Candaces, as rainhas do Império Méroe* para o carnaval de 2008. Na apresentação do enredo à comunidade do bairro da Liberdade em Salvador, os dirigentes do Ilê Aiyê, no site oficial do Bloco-afro, mostraram os objetivos da instituição com a escolha deste enredo: “O Ilê mostrará o poder político e a organização da mulher na África e seus reflexos no Brasil. Candaces como o grupo de mulheres do Alto das Pombas, Dete Lima, Ruth de Souza, Leci Brandão, Gaiaku Luiza e Lélia Gonzáles terão a visibilidade e o reconhecimento que merecem na história do Brasil”. O Ilê Aiyê

cantou sobre e com as mulheres guerreiras que foram exemplos de luta para a consolidação dos movimentos negros e defesa dos direitos das mulheres negras.

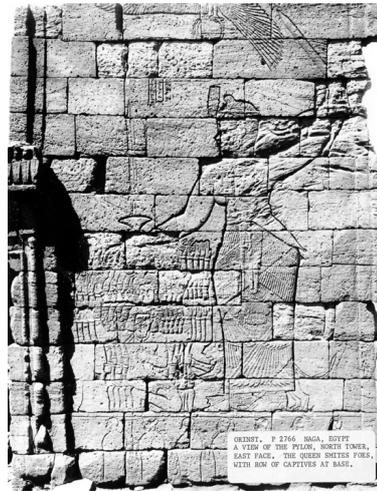
Após a apresentação do enredo e abertura do concurso para selecionar a letra que representaria o bloco na avenida, a canção vitoriosa foi elaborada pelos compositores Amilton Lopes, Marcos Alves e Milton do Sina:

*Rainhas negras, as pirâmides do rei / Lutam para simbolizar / E edificar o reino Méroe / Nefertiti, Cleópatra e negras africanas / Mulheres de grande influência / Bravas guerreiras a cantar / Negras candaces, negras fortes no poder / Reinando no império encantadas pelo Ilê / Hoje na Bahia / Mulheres negras do Brasil / Mãe Hilda negra serena, Dete Lima força mil / Leci Brandão beleza negra, arte, poesia e canção / Na gestão do Ilê Aiyê / Laços de confraternização (...).*

O conceito de Candace foi ampliado no discurso do Ilê Aiyê. As Candaces não são apenas as rainhas mães de Méroe, mas também todas as mulheres guerreiras que se destacaram ao longo da história africana e brasileira. Nefertite e Cleópatra são celebradas em uma tradição que considera o Egito como uma grande sociedade africana, logo, negra. Essa representação do Egito nos enredos e desfiles dos blocos-afro de Salvador foi inaugurada com o grande desfile do Olodum em 1987 com a composição Faraó divindade do Egito.

As Candaces do Ilê Aiyê personificam a mulher guerreira. Associou-se a belicosidade das rainhas na Antiguidade com as atividades combativas das mulheres negras brasileiras que lutaram pelo fortalecimento dos movimentos negros e políticas afirmativas.

A belicosidade das Candaces, tão destacada no enredo do Ilê Aiyê, foi observada na documentação latina e nos documentos iconográficos encontrados nos principais sítios arqueológicos do Sudão. A condição de guerreira e conquistadora visualiza-se na seguinte imagem localizada no sítio arqueológico de Naga:



A Candace foi representada em uma postura guerreira e dominadora. Em sua mão direita estão prisioneiros seguros pelos cabelos. Em sua mão esquerda uma espada é sustentada como se preparasse para deflagrar um golpe contra os inimigos subjugados.

### **Considerações finais**

As candaces foram representadas nos documentos textuais e imagéticos da Antiguidade com atributos guerreiros, mas ao mesmo tempo, mães zelosas pela formação de seus filhos soberanos. Essas representações da Antiguidade serviram de inspiração para a elaboração dos enredos da Escola de Samba Salgueiro e no Bloco-afro Ilê Aiyê que relacionaram as candaces africanas com as negras guerreiras e mães da sociedade brasileira contemporânea.

## REFERÊNCIAS

### Documentação Textual

- ESTRABÃO. *A Geografia de Estrabão* (texto em grego e em inglês, versão de H. L. Jones). Col. «The Loeb Classical Library», 8 vols., MCMLIX.
- HERÓDOTO, *História*. Trad. de Mário da gama Kury. Brasília: Ed. Universidade de Brasília. 1998.
- PLÍNIO. *Naturalis Historia* (texto em grego e em inglês, em 10 vols.). Trad. de H. Rackham, W. H. S. Jones e D. E. Eichholz. Col. «The Loeb Classical Library», Cambridge (Massachusetts). Harvard University Press / London, William Heinemann, MCMXLIXMCMXLII.

### Bibliografia

- AZIZ, Philippe, *Os impérios negros na Idade Média*. Rio de Janeiro. 1978.
- BAINES, J.; MÁLEK, J. *O mundo egípcio*. Rio de Janeiro: Edições Delprado, v. 1-2, 1996.
- BERNAL, Martin. *Black Athena: The afroasiatic roots of classical civilization: the archaeological and documentary evidence*. New Jersey, Rutgers University Press, 1989.
- BUSTAMANTE, R. M. da C. Representações visuais das mulheres nos mosaicos norte-africanos: isotopia e gênero. *Phoênix*, Rio de Janeiro, v. 9, p. 316-352, 2003.
- BUSTAMANTE, R. M. da C. Latim, púnico e berbere na África Romana: identidade e alteridade. *Phoênix*, Rio de Janeiro: Sette Letras, v. 2000, p. 312-327, 2000.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. *O Egito Antigo*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- DIOP, Cheikh Anta. *Precolonial Black Africa: a comparative study of the political and social systems of Europe and Black Africa, from Antiquity to the Formation of modern States*. Westport: Lawrence Hill & Company, 1986.
- FRANK M. Snowden, Jr. *Before color prejudice*. London: Harvard University Press Cambridge, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Blacks in antiquity*. Harvard University Press Cambridge, Massachusetts, 1970.
- A. M. ALI HAKEM. *A civilização de Napata e Méroe*. In: MOKHTAR, G. (coord.). *História Geral da África*. v. 2: A África Antiga. São Paulo - Paris: Ática – UNESCO, 1983.
- KI-ZERBO, J. *História da África Negra*. Volume II. Lisboa: Europa-América, 1991.
- MAHJoubi, A. O período romano e pós-romano na África do Norte. In: MOKHTAR, G. (coord.). *História Geral da África*. v. 2: A África Antiga. São Paulo - Paris: Ática – UNESCO, 1983.

- MELLO, José Guimarães. *Negros e escravos na Antiguidade*. São Paulo: Ed. UNIMAR, 2000.
- MOKHTAR, G. *História geral da África: A África antiga*. São Paulo: Ática, Vol. II 1983.
- REISNER, G.A. Von. 1910. The Archaeological survey of Nubia. Cairo, National Printing Department. V.1.
- \_\_\_\_\_. 1917, 'Excavations at Napata, the Capital of Ethiopia'. *Bulletin of the Boston Museum of Fine Arts* 15, No. 89.
- \_\_\_\_\_. 1918(a), Preliminary Report on the Harvard-Boston Excavations at Nuri: The Kings of Ethiopia after Tirhaqa. Harvard African Studies, vol.2, Varia Africana.
- SHINNIE, P. L., *Méroe – uma civilização do Sudão*. Lisboa: Editorial Verbo, 1967.
- SILVA, Alberto da Costa, *A Enxada e a lança*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- VERCOUTTER, Jean. *O Egito Antigo*. São Paulo: Difel, 1986.
- VIDROVITCH, Catherine Coquery. *A Descoberta de África*, Lisboa: edições 70, 1965.

# ALFABETO ROMANO HISTÓRIA E METODOLOGIA PARA ESTUDOS CLÁSSICOS E MEDIEVAIS

Gabriel Soares - NEA/UERJ

Este artigo<sup>7</sup> apresenta resumidamente uma metodologia de estudo de sistemas de escrita, usando o alfabeto romano como modelo de aplicação. Espera-se que o pesquisador encontre um ponto de referência para conceitos e elementos de análise que permanecem restritos aos estudos da área de Letras.

## Questões iniciais

O estudo da escrita dentro do escopo da área de Letras ficou – e consideravelmente permanece – recluso a dois campos: a Filologia e a Lingüística. De forma genérica, podemos entender que esteve atrelado somente a estudos lingüísticos, já que atualmente reconsidera-se ambos os campos como pertencentes à mesma categoria: a Lingüística.<sup>8</sup>

De um ponto de vista essencialmente conservador, pode-se avaliar que mesmo hoje, dentro da área de Letras, tais estudos devem permanecer reclusos ao âmbito lingüístico. Discordamos veementemente. Embora poucos sejam os especialistas que proponham algum tipo de estudo da escrita dentro da Gramática, entendemos que a Ortografia tem uma obrigação fundamentada em sua premissa, mesmo quando entendida ingenuamente como suporte à Fonologia, de estudar os grafemas da língua em perspectiva histórica, estudo esse que balizaria e sustentaria outras áreas como a Morfologia. Uma

---

<sup>7</sup> Originalmente parte de minha monografia “Letra e Alfabeto: O Sistema de Escrita do Português” do curso de Letras na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2007.

<sup>8</sup> Em outros campos de análise científica, como a História e a Paleografia, esse estudo ganhou nova roupagem, levando em conta aspectos cronológicos a partir das datações e de achados principalmente depois do século XVIII.

“ortografia histórica”<sup>9</sup> seria de grande relevância aos fundamentos do estudo de gramática; que outra resposta poderíamos dar à dificuldade de entendimento dos alunos dos prefixos e sufixos de nossa língua?

Não faremos este tipo de estudo, pois, apesar de nosso objetivo ser semelhante, a estratégia adotada é outra: nas palavras de Sampson “estamos mais interessados na *estrutura* dos sistemas de escrita” (1996:17 – grifo do autor). Contudo, está lançado o debate.

### **Conceitos e classificações**

É bastante importante pontuar os conceitos adotados a fim de evitar confusões. O primeiro e mais abrangente conceito é o de *língua*. Como esse conceito não é muito adversativo, propomos uma definição baseada em nossos amplos estudos ao longo da graduação e que nos servirá perfeitamente bem. Língua é o conjunto de modalidades lingüísticas, cada qual constituindo um sistema de uma ou mais variantes escritas, faladas ou executadas, através das quais se expressa o pensamento humano.

Um segundo conceito seria o de *escrita*. Optamos pela definição da especialista francesa Nina Catach (1996:5) que a entende como “conjunto de signos organizados que permitem comunicar qualquer mensagem construída sem passar necessariamente pela voz natural”. Embora pesquisadores renomados ponderem uma diferença entre escrita, sistema de escrita e sistema ortográfico/ortografia – como o faz M. Diki-Kidiri (apud N. Catach, 1996:163) – nos aproximamos de Sampson (1996:17) que usa os três como sinônimos, embora considere aplicações diversas. Diz que irá, “de preferência, empregar ‘sistema de escrita’ quando uma escrita for citada como exemplo de um *tipo* particular de registro escrito; da mesma forma empregarei ‘ortografia’ ao me referir às convenções alternativas para o uso de um dado conjunto de símbolos escritos”.

Uma distinção de relevância considerável ponderada por Geoffrey Sampson (1996: passim 20-3) está na diferença entre *grafe* e *grafema*. O

---

<sup>9</sup> Não propomos aqui criações de áreas de estudo. Utilizamos o termo “histórica” apenas como a melhor forma de expressar o tipo de análise que entendemos relevante.

primeiro seria qualquer unidade de qualquer escrita, já o segundo um conjunto de alografes não significativos.<sup>10</sup>

As definições de grafema e seus problemas são amplamente trabalhados por Jean-Christophe Pellat (apud N. Catach, 1996:132-147) da *Université de Strasbourg II*. Dos quatro tipos de definições elencadas por Pellat, o que mais reflete nossos propósitos é o grafema como “unidade gráfica polivalente, cujo papel varia segundo os sistemas de escrita”.

Questão também importante é a classificação do “conjunto de signos” a que Catach se refere. Para J. T. Hooker (1996:9) “a raça humana adotou quatro métodos principais de estabelecer registros ou de transmitir informações: os pictogramas, a escrita analítica, os sinais silábicos e o alfabeto”. Essa definição, guardadas as devidas proporções da simplificação a qual Hooker se filia, atende nossos interesses. Sabemos suas limitações, mas a adotamos por ser objetiva, pontual e auto-explicativa.<sup>11</sup>

### **Metodologia**

A metodologia de nossa análise é aquela proposta como “grafêmica” pelo colóquio internacional intitulado “Para uma Teoria da Língua Escrita”, realizado em Paris em 23 e 24 de outubro de 1986 no Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS), sob organização de Nina Catach e da equipe de História e Estrutura das Ortografias e Sistemas da Escrita (HESO) pertencente ao centro mencionado.

Tal colóquio resultou em um compêndio de valiosos artigos que registram uma perspectiva inteiramente atualizada de análise de sistemas de escrita. A premissa das proposições dos teóricos, dentre os quais Françoise Desbordes, Liselotte Pasques, Robert Martin e William Hass está nos trabalhos de Jacques Derrida onde, segundo nos esclarece Catach (1996:5), “a teoria da escrita conheceu, sem que o público tenha sido informado, importantes desenvolvimentos”.

---

<sup>10</sup> Sampson exemplifica com <g, g, g> como sendo alografes do grafema <g>, mas <G> e <g> como grafemas distintos, já que são significativos.

<sup>11</sup> Mesmo assim, fica registrada a posição atual sobre sistemas semasiográficos e a discussão sobre sua consideração ou não como escrita, bem como as tentativas recentes de demonstrar os limites da suposta “pictografia”. Além disso, o conhecimento e classificação dos sistemas dentro do esquema glotográfico tem caminhado com grande avanço. Ver concisa explicação em Sampson, 1996:24-45.

Embora a proposta do colóquio tenha sido a determinação dos conhecimentos atuais sobre os sistemas de escritas antigos e modernos em perspectiva essencialmente lingüística (N. Catach, 1996:5), é inegável que a base da análise feita é essencialmente gramatical. Catach (1996:244), encerrando os vinte e um estudos que compõem a obra, enuncia:

*É, portanto, partindo dos tipos de unidades e de níveis universais da linguagem (fonemas, sílabas, morfemas, palavras, frases e textos) e em seguida seriando as contribuições originais de cada escrita e de todas as escritas ao universo da linguagem que conseguiremos lançar os elementos de uma grafêmica geral.*

Nossa análise partiu do mesmo princípio. A adequação que se fez necessária neste trabalho, contudo, foi levar em conta mais os elementos externos da mudança grafêmica que propriamente os internos. Tal modificação tem sua razão de ser no fato inequívoco de que nosso conhecimento da escrita do mundo antigo – já que nosso interesse está predominantemente atrelado ao alfabeto latino num primeiro momento – é consideravelmente restrito a poucos textos da administração pública e a algumas inscrições de ordem mais de exaltação que pragmática.

Mesmo assim, tivemos o cuidado de buscar compreensão vasta deste tipo de relação de produção do texto, seguindo a metodologia. Charles Higounet (2003:10) nos mostra que “a escrita não é apenas um procedimento destinado a fixar a palavra, um meio de expressão permanente, mas também dá acesso direto ao mundo das idéias (...)”. Assim, aqui e ali, encontramos ponto de referência na coletânea organizada pelos especialistas de Oxford, Alan K. Bowman e Greg Woolf, no relevante “Cultura Escrita e Poder no Mundo Antigo”.

### **Alfabeto latino**

Para aplicar esse aporte teórico, faremos um panorama conciso, na medida do possível, da constituição do alfabeto latino desde suas origens até a sua sedimentação como alfabeto que foi adotado pela língua portuguesa e várias outras línguas modernas.

Para tal, optou-se por uma divisão em duas partes: ‘heranças e mudanças iniciais’ e ‘alterações na Antigüidade tardia e Alta Idade Média’. Pode dar-se um estranhamento ao fato de não incluirmos em nosso estudo muitas mudanças medievais do alfabeto e outras relativamente posteriores. Isso se deve ao fato de que as alterações nesses períodos históricos são, salvo poucas exceções que serão oportunamente comentadas, mais de caráter tipográfico que no âmbito do grafema.<sup>12</sup>

Começemos, pois, este interessante percurso.

### **Heranças e mudanças iniciais**

Para Higounet (2003:59), podemos entender um alfabeto como sendo “um sistema de sinais que exprimem os sons elementares da linguagem”. A palavra teria tido, segundo o autor, origem no latim *alphabetum*, formado através dos nomes das duas letras iniciais do alfabeto grego, respectivamente *alpha* e *beta*, que já haviam sido emprestadas das línguas semíticas. Essa origem, aponta Higounet, é mais etimológica que etiológica, que deve ser entendida a partir da origem da idéia de uma escrita consonantal.

Higounet (2003:59-60) destaca que a idéia de expressar consoantes isoladas teria surgido de forma um tanto quanto confusa ainda entre os egípcios e seria retomada no segundo milênio pelos semitas ocidentais que habitavam as margens do Mar Vermelho e Mediterrâneo. Para o autor, o fato de essas línguas terem as bases de suas palavras nas consoantes facilitou enormemente as tentativas de uma escrita consonantal.

Para conhecer essa origem do alfabeto, faz-se necessário, segundo Higounet (2003:64) retornar a Biblos, onde encontramos “os rudimentos gráficos da escrita alfabética de que nos servimos ainda hoje”. John F. Healey (apud J.T. Hooker, 1996:272) esclarece que o alfabeto bibliense (fenício), contendo 22 letras teria se desenvolvido cerca de 1050 a.C., sendo originário de uma “linha direta de descendência dos alfabetos lineares mais antigos”. É

---

<sup>12</sup> Ver levantamento recente realizado por Carlos M. Horcades, especialista em Tipologia, dos diversos tipógrafos durante o curso da história da escrita.

nessa época que, segundo o especialista, a orientação sinistrógrada<sup>13</sup> e o “caráter linear estilizado das letras” se sedimentam.

Segundo Healey (ibidem, 1996:273-5), “um pouco mais tarde, a escrita fenícia se espalhou”, chegando ao norte e posteriormente a sul até os hebreus, sendo adotado também pelos arameus, que ficavam a leste. Desta forma, são três as escritas que surgem a partir do alfabeto linear de Biblos. A principal, o fenício, com suas 22 letras, teria se mantido razoavelmente inalterada, tendo sido adotada pelos gregos.

Higounet (2003:87) advoga inquestionável a origem fenícia do alfabeto grego. Segundo o autor, “a forma primitiva de quase todas as letras gregas, sua ordem e seu nome dão testemunho dessa origem e estão de acordo com a tradição”. Higounet (idem) e Healey (ibidem, 1996:281) lembram que Heródoto costumava chamar as letras de *phoinikéia grammata*, isto é, escrita fenícia. Além disso, os gregos diziam que Cadmo, lendário fundador de Tebas, foi quem trouxe da Fenícia dezesseis letras. Palamedes<sup>14</sup> a estas teria acrescentado, no decurso da guerra de Tróia, mais quatro e “o poeta Simônides de Ceós, quatro outras, mais tarde” (Higounet, idem).

É interessante notar, como pontua Healey (ibidem, 1996:282), que o formato dos diversos alfabetos gregos antigos (séculos VIII-VII a.C.) varia consideravelmente. Contudo, sejam de Atenas, Tera, Creta, Naxos, Corcira ou Beócia, diversas eram as semelhanças de usos, como por exemplo, a utilização de certos grafes como vogais, o que indica claramente, segundo o autor, a origem comum. A datação da importação grega do alfabeto fenício é incerta; Healey sugere que como é necessário tempo para uma diversificação, seria razoável admitir que tal importação tenha ocorrido bem antes do século VIII a.C.

Foi da direita para esquerda que as primeiras inscrições foram feitas, tendo aparecido em alguns momentos de forma bustrofédica<sup>15</sup>. Seria em cerca de 500 a.C. que a escrita se estabeleceria entre os gregos da esquerda para a

---

<sup>13</sup> Da direita para a esquerda.

<sup>14</sup> Filho de Náuplio, rei de Eubéia, este herói grego teria sido quem obrigou Ulisses a partir para a guerra de Tróia.

<sup>15</sup> Da esquerda para a direita e da direita para a esquerda de forma alternada.

direita. Inicialmente as letras gregas são *alfa, beta, gama, delta, épsilon, digama, zeta, eta, teta, iota, kapa, lamba, mi, ni, xi, ômicron, pi, san, koppa, rô, sigma* e *tau*. Note-se que o *digama, san* e *koppa* são logo abandonados. (Higounet, 1996:88-9)

Healey (ibidem, 1996:284-5) explica que “embora os gregos tenham exercido uma influência secundária sobre os povos semíticos ocidentais, deram no entanto uma nova dimensão à escrita alfabética”. Segundo o autor, diversas letras fenícias não aproveitadas como consoantes foram usadas para representação das vogais em dialetos gregos específicos. “A letra fenícia ‘*ayin*, escrita na forma de um círculo representando um som gutural que não existia no grego, passou a ser usada para expressar a vogal /o/.”

Já o fenício *he* passa a exprimir /e/ e o *yod* indica /i/. Numa relação de analogia a indicação de oclusão glótica *aleph* (') passa a ser usado como A.

Higounet (2003:90) destaca ainda o *wau*, inicialmente o *digama*, que veio a se transformar no *ypsilon* (*y*). Para a representação das aspiradas teríamos o *phi, khi* e *psi*. E sintetiza: “em suma, os gregos adaptaram o sistema de notação semítica às particularidades de sua língua. Mas, se observamos bem os resultados dessa adaptação, a real origem da concepção de notação vocálica continua a nos escapar”.

Depois de diversas sinuosidades que o modificaram em diversas frentes, o alfabeto jônico de Mileto é o que passa a ser adotado de forma oficial em Atenas entre 403-402 a.C., sendo legado à posteridade como o alfabeto grego dito clássico onde a direção da escrita não mudaria mais (John F. Healey, apud J.T. Hooker, 1996:285).

### **Alterações na Antigüidade tardia<sup>16</sup>**

Tentaremos sintetizar nesta parte as alterações sofridas desde o contato etrusco com o alfabeto grego, em seguida passando pelo contato romano com os etruscos e apresentando as modificações que sofre o alfabeto latino até meados dos tempos medievais. Sabemos da extensão do período (séc. VII a.C.

---

<sup>16</sup> O tema foi exaustivamente trabalhado por diversos dos autores que apresentamos. Recomenda-se especialmente Hooker (1996:13-7), Healey (apud J.T. Hooker, 1996:286-288), Sampson (1996:115-27), Horcades (2004:20-8) e L. Bonfante (apud J.T. Hooker, 1996:406-10). Por razões únicas e exclusivamente didáticas, faremos nossa análise a partir de Charles Higounet (2003:101-25), sendo esta indicação, fique delimitado, premissa e base a todo este item.

- aprox. IX d.C.), portanto nos ateremos somente às mudanças. Serão descartados os elementos históricos, embora não seja o ideal, para permitir um plano geral de modificações pelas quais passa o alfabeto latino nesse período.

No princípio, o alfabeto latino era apenas mais um entre os diversos alfabetos locais que os habitantes da península itálica haviam importado dos tipos gregos ocidentais. Os etruscos, que dominaram a região acima do Lácio do séc. VII ao VI a.C., eram detentores de uma escrita alfabética inegavelmente ligada ao grego. A documentação etrusca arcaica mostra as vinte e duas letras fenícias acrescidas das quatro suplementares gregas *ypsilon*, *khi*, *phi*, *psi*, apresentando valores ocidentais.

O entendimento clássico vai ao encontro da idéia de que essa forma de escrever o grego com a qual os etruscos tiveram contato seria a do alfabeto de Cumes, uma colônia grega na região de Campânia da península itálica que tinha por metrópole Cálcis da Eubéia.

De uma forma ou de outra, este alfabeto rapidamente se modifica e elimina as consoantes gregas *b*, *d* e *k*, bem como o som de *o* que não eram de uso etrusco. Além disso, foi criado um grafe em forma de oito para notar o som de *f*. Diversos outros alfabetos se desenvolvem na península *pari passu* ao etrusco, alguns com influência maior, outros menor deste último. São exemplos os alfabetos sícula, messapiano, piceniano e as inscrições oscas e úmbrias, dentre outros.

Os documentos mais antigos escritos no que se chama convencionalmente de alfabeto latino datam do fim do séc. VII e do início do VI a.C. De forma geral, pode-se dizer que as diferenças entre o alfabeto latino e o alfabeto grego estão relacionadas à origem oriental deste e a ocidental daquele.

Seria somente no século I a.C. que o alfabeto latino passaria a conter vinte e três letras. Das consoantes gregas aspiradas não mais utilizadas, fizeram-se sinais de numeração. Uma variante do *c*, o *g*, surgiria no século III a.C. Uma outra questão era a necessidade de transcrever palavras gregas, o que levaria a adoção direta do alfabeto jônico dos sinais *y* e *z*. Um outro aspecto era não distinguir na escrita entre o *i* e *u* vocálicos e consonantais.

Inúmeras foram as tentativas que fracassaram de introduzir novos grafemas ao alfabeto. Dentre elas estavam a de Valério Flaco e a do imperador Cláudio (41-54).

Citemos diretamente Higounet (2003:105): “o alfabeto latino é, definitivamente, um alfabeto grego ocidental transformado, por uma forte influência etrusca, em um dos alfabetos itálicos”. E continua, de forma assertiva, dizendo que “se foi o único a sobreviver entre eles, é porque se tornou o alfabeto do povo vencedor, que o impôs inicialmente à Península Itálica, depois a todo o Ocidente antigo, com sua língua e sua escrita”.

Esse alfabeto do século I seria a versão relativamente final da escrita latina em termos de gênese e constituição com vinte e uma letras; posteriormente vinte e três com o y e o z, como vimos. As mudanças vistas depois desse período seriam de caráter mais gráfico, aqui entendido como a forma de se escrever os grafes.

Nos séculos II e III, a escrita romana conhecida gera as formas da “nova escrita comum” – inicialmente vertical, depois inclinada para a direita, sendo ligeira com curvas freqüentes, bem como ligaduras – e a “uncial” – grafia de luxo, artificial e imóvel. Nos séculos IV e V, a escrita nova sobrepõe a antiga.

Os povos germânicos responsáveis pela criação dos novos reinos do Ocidente, adotam a escrita comum romana juntamente com o latim nos séculos V e VI. A arte da escrita entraria em decadência e com o surgimento do monarquismo ocidental nos séculos VI e VII, os textos começam a ficar reclusos a mosteiros. Ao longo dos séculos VIII e IX floresceria toda uma disciplina caligráfica que resultaria no escrever carolíngio.

É fundamental perceber que, como apresentamos anteriormente, após o século I a imensa maioria das modificações do alfabeto latino ficaram restritas à forma dos grafemas ou à formação de novos grafes para o mesmo grafema.

Durante grande parte da Idade Média, Renascimento e posterioridade, as mudanças foram meramente tipográficas, predominantemente movidas pela imprensa de Gutenberg. As alterações mais significativas a se cristalizarem, de forma geral, seriam os grafemas *w* por volta do século XI, a partir da necessidade de representação da duplicação do som /v/ por parte dos

germânicos e dos grafemas *j* e *v*, no séc. XVI, por parte do humanista francês Pierre de la Ramée, contribuindo para o encerramento da pendência já levantada pelo imperador Cláudio, como vimos, deixando o alfabeto com as vinte e seis letras que conhecemos hoje.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOWMAN, Alan K. e WOOLF, Greg (orgs.). *Cultura escrita e poder no mundo antigo*. São Paulo: Ática, 1998.

CATACH, Nina. *Para uma teoria da língua escrita*. São Paulo: Ática, 1996.

HIGOUNET, Charles. *História concisa da escrita*. São Paulo: Parábola, 2003.

HOOKER, J.T. et alii. *Lendo o passado: do cuneiforme ao alfabeto, a história da*

*escrita antiga*. São Paulo: EdUSP/Melhoramentos, 1996.

HORCADES, Carlos M. *A evolução da escrita: história ilustrada*. Rio de Janeiro:

Senac Rio, 2004.

SAMPSON, Geoffrey. *Sistemas de escrita: tipologia, história e psicologia*. São Paulo: Ática, 1996.

# DEUSES E SEUS CÃES - NEHALENNIA ICONOGRAFIAS E RELIGIOSIDADE: DO SÉCULO II D.C PARA O SÉCULO XXI D.C

Renata Macedo Maia da Silva<sup>17</sup> - PPGHC/UFRJ

*“Infeliz do homem que não tiver um cão para lambe suas feridas.”  
Homero*

*Os cães são o nosso elo com o paraíso.  
Eles não conhecem a maldade, a inveja ou o descontentamento.  
Milan Kundera*

## Introdução

Nehalennia, deusa intrigante da antiguidade, natural do Mar do Norte é envolvida em uma atmosfera de mistério. Muitas vezes representada ao lado de seu cão, é elemento de ligação entre germânicos, celtas e romanos. É cultuada ainda hoje, mas pouco se sabe sobre ela. Razão de orgulho para o povo holandês, cruzou o Atlântico e ainda é motivação para a religiosidade e a produção de imagens na Europa e na América. Suas imagens do passado e do presente nos servem de roteiro para analisar a relação entre os devotos e esta divindade.

## Cães, deuses e povos antigos

A figura do cão entre as tribos célticas, povos germânicos e escandinavos além dos conquistadores romanos, parece sempre ter sido valorizada. Seja em questões de banquetes sacrificiais ou como um parceiro fiel, o cão tem estado presente no cotidiano destes povos.

Em muitos casos, o conquistador adquire valores e hábitos de seus conquistados. Sendo assim o apreço pelo cão, que parece já seria comum entre os romanos, fica reforçado a partir do contato com os celtas.

---

<sup>17</sup> Pesquisadora do Núcleo de Estudos da Antiguidade. Orientada pela Prof.Drª Maria Regina Cândido e Coorientada neste trabalho pelo Prof. Ms José Roberto Paiva.

Divindades dos três eixos culturais mencionados relacionam-se ao cão e possivelmente ele representaria a imagem de proteção, mas também a de um guia para aqueles que viajam ou cruzam caminhos. É possível citar inúmeros deuses destas mitologias e de outras que figuram com seus cães em diferentes sagas. Nelas os cães sempre estão ligados à proteção, enfrentamento dos perigos, provas de força, o ato de devorar e ao acesso garantido ao outro mundo.

Para os celtas da Gália o cão era de grande estima, gozando de lugares no túmulo ao lado de seu dono, inscrições carinhosas e seus retratos esculpido nas lápides à maneira romana. (DUVAL, 1952: 261-262). Na Bretanha e Gália há evidências em Hampshire de sacrifícios de cães que eram colocados em silos fora de uso. No templo de Gurnay foram encontrados sinais de que eram servidos como alimento em banquetes sagrados. Ainda no poema de Taliesen, Cwn Annun, encontramos alusão aos Cães de Annun que eram a companhia de Arawn em sua missão de limitar a entrada no Outro Mundo (GREEN, 1993:61). Analisando as questões mágicas podemos perceber que se oferece em sacrifício aquilo que é muito estimado como uma prova de lealdade e apreço aos deuses.

Deuses que se fazem acompanhar por cães geralmente estão ligados ao mundo dos mortos e este é um traço comum nas mitologias do mundo todo. Hécate e seu cão tricéfalo Cérbero com sua cauda com cabeça de serpente na Grécia; Hell e seu cachorro Garm entre os germânicos e nórdicos; Xolotl, um deus que se manifesta como cão, com um olho vazado e patas para trás, é conhecido como o que fecha as cortinas da noite porque acompanhou o sol em sua estada sob a terra na mitologia asteca; entre os caiapós existe o mito do Lago dos Cães onde estes animais gigantes devoram uma criança e em outra etapa são levados para as aldeias sendo domesticados e cruzados com cães menores. Em uma comparação superficial é possível notar que os cães ou auxiliam ou são a própria divindade que guarda o mundo subterrâneo. Eles impedem que os vivos transitem no espaço consagrado à morte.

Desta forma fica atestada a ligação do cão com presságios de morte e travessia de portais do submundo na antiguidade. Há uma continuidade da

crença no folclore inglês: se um cão olha para o nada sem razão aparente e você olhar entre suas orelhas, neste momento verá um fantasma.

Nehalennia sendo uma divindade local que auxiliava navegadores nas travessias, possui um caráter de *deusa de passagem*. O cão representado geralmente ao seu lado tem o papel de companheiro, guia e protetor. Uma vez que em outras narrativas mitológicas celtas ele figura também como um limite para o submundo, possivelmente na mitologia perdida da deusa também tivesse este significado. Desta forma, além de seus aspectos ligados à fertilidade da terra, travessia segura no mar a deidade poderia estar ligada à passagem para *o outro mundo*.

### **Nehalennia e seu companheiro de jornada**

Deusa Celto-germanica associada aos mares, é apresentada em cento e sessenta altares, cuja maioria está situada na Holanda, na província de Zelândia e dois em Colônia na Alemanha, o que pode demonstrar um deslocamento do culto do litoral para o interior. A inscrição votiva mais facilmente encontrada é do altar erigido por Marcus Secundinius Silvanus que morava em Colônia e dedicou a esta deusa sua gratidão em razão de uma boa travessia no Mar do Norte, conhecido como de difícil navegação e importante para o comércio de âmbar e pérolas (CHEVALIER,1984:342). Outro altar votivo em Colijnsplaat traz estes dizeres:

*À Deusa Nehalennia  
Vegisonius Martius, cidadão Sequano e navegador,  
Cumpriu seu voto  
De boa vontade e dignamente*<sup>18</sup>

Os cultos parecem ter sido centralizados em Walcheren na Holanda devido à quantidade de altares concentrados lá. Interromperam-se abruptamente em função da inundação do santuário. Em agosto de 2005 a réplica do Templo de Nehalennia em Colijnsplaat<sup>19</sup> foi aberta ao público. Não é possível saber que formas tinham tais cultos, porém através da iconografia dos altares nota-se que a deusa possui uma ambigüidade de aspectos. Ao mesmo

<sup>18</sup> Esta tradução nossa para o português refere-se à versão em inglês traduzida do latim

<sup>19</sup> Colijnsplaat é a localidade muito próxima de onde no passado seria Ganuenta, assentamento romano.

tempo em que aparece com um semblante suave, jovem e bondoso, sentada como uma matrona (fig. 1), em outras esculturas (fig. 2) figura com um dos pés sobre um navio. Esta atitude nos parece aconselhar vivamente que, observe-se o poder da divindade em questões relacionadas às navegações. Ainda, se o dedicante não procedesse de forma correta, a divindade poderia destruir seu barco.

Nehalennia pode ter sido uma deusa local da tribo dos Morini (GREEN, 2003:11). Ela possuiria poder sobre as forças naturais e por isso seria necessário seu concurso ao atravessar o Mar do Norte. Plínio O Velho (História Natural IX), conta-nos a respeito das espécies avantajadas que povoavam o Mar do Norte e é bem fácil imaginar o certo temor com que os homens do mar convivessem nestas viagens. A necessidade de ter uma deusa em sua proteção era imperiosa a fim de vencer além dos conhecidos nevoeiros da região, a ferocidade das ondas. As colocações do escritor romano representam muitas vezes estes perigos como animais fantásticos. O cão reforçaria a idéia de proteção; uma sentinela que com suas percepções aguçadas, sinalizaria quanto ao perigo.



Figura 1 Nehalennia – i 1970/12.38

O nome Nehalennia apresenta segundo Séamus de Napier (199[?]:50) uma derivação de *na hálainne*, *na háille* que em antigo irlandês significa “da beleza”, a partir daí pode-se interpretar como um epíteto para a divindade. Outras associações, entretanto podem ser feitas a partir do radical de seu nome: *nebh* ou *nek* que correspondem respectivamente a céu/nuvens, nevoeiro e morte/trazer de volta (The American Heritage Dictionary of the English Language.2000), leva também o sufixo *lennia* que parece ser romanizado possivelmente uma ligação com *matronae* (LENDERING,2002) – natural por força da ocupação romana e do comércio intenso.

Sua descrição na iconografia mais comum é ao lado de um cão com uma cesta de frutas (maçãs) ou pães. Pode estar entronada ou de pé, mas sua

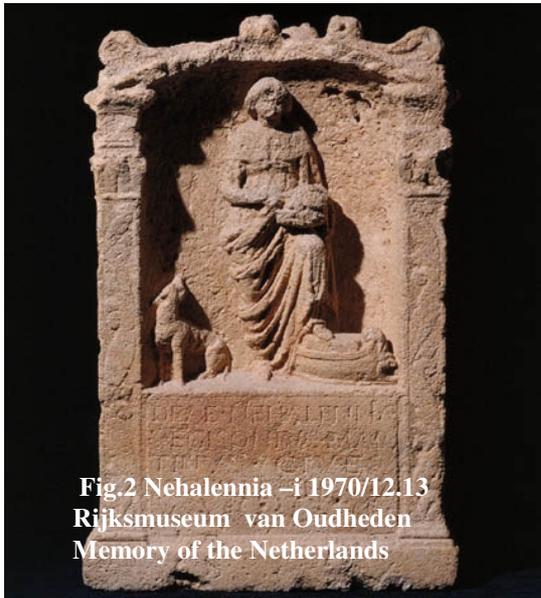


Fig.2 Nehalennia –i 1970/12.13  
Rijksmuseum van Oudheden  
Memory of the Netherlands

atitude é de comando. A figura do cão aparece ao lado dela emparelhado ou, em posição com certo afastamento virando a cabeça de maneira afetuosa ou reverencial. Tanto as maçãs como a figura do cão, levando em conta a simbologia de ambos os itens dentro das tribos célticas, são elementos que indicam travessia para o outro mundo. Além disso, a presença do cão garante a segurança nos negócios aos viajantes que além dos víveres e outros artigos,

transportavam somas em dinheiro e eram homens influentes com acesso a cidadania, vivendo e agindo à maneira romana(VERBOVEN, 2005:11).

Através do estudo das características das religiões, é possível notar que, embora haja uma peculiaridade religiosa para cada povo que cultuaria esta deusa, existem também traços comuns. A saber: Divindades que presidem o submundo e o cão como limitador desta esfera; Deuses controlam fenômenos naturais, daí uma relação contratual com eles: Uso de oferendas e ex-votos em locais abertos e a imagem do barco como elemento de ligação com o outro mundo. Por fim, a sazonalidade dos ritos. Desta maneira acreditamos que a partir destes elementos comuns, tornou-se mais fácil um intercâmbio ritualístico e de representações imagéticas entre as referidas culturas, ampliando o alcance de uma deusa local e apropriações religiosas.

### **Iconografia antiga da deusa, iconografia atual e continuidades**

Visando o estudo da iconografia antiga reunimos um conjunto de imagens disponíveis na internet em um acervo organizado por museus e outras instituições dedicado à memória holandesa. Foi possível identificar surpresas iconográficas como um conjunto de maçãs sobre a cúpula, laterais com cornucópias ou ramos, teto de duplo caimento, colunatas e o formato de concha. Os elementos com significância simbólica foram analisados através de um quadro comparativo entre as culturas celta, germânica e romana e da

proposta metodológica para estudos de iconografia e iconologia de Erwin Panofsky. A predominância do elemento romano é marcante, mas funda-se e imprime poder pelas similaridades religiosas entre os três grupos étnicos. Privilegiamos neste trabalho a análise da iconografia atual.



Nehalennia sentada em um banco com as formas de Mondrian na escultura de Guido Metsers.

No trabalho de Guido Metsers, “*Nehalennia op Mondriaan-bank*” fundem-se passado e presente. A nacionalidade holandesa de Mondrian<sup>20</sup> e sua forma racionalmente inovadora complementam-se com a deusa nativa e sua estética romanizada igualmente idealizada. É interessante notar que a trajetória de

Mondrian passa pela busca da luz no impressionismo, desenvolve uma fase simbólica com seu ingresso na teosofia para chegar à sua fase abstrata. Desta forma unem-se o misticismo da deusa em si com a aura mística do consagrado artista. Já Metsers criador desta fusão, trabalha com o realismo mágico numa interferência na paisagem unindo duas pontas da história local. Na pintura de Jeroen van Valkenburg o elemento místico é que alimenta a criação. A deusa em sua obra não se apresenta com o cão e sim numa interpretação mais livre que privilegia o aspecto fluido da água. Sua predileção por religiosidade e a *imaginária* Viking aparece nos entrelaces na figura da deusa. Na escultura de Anniemarie Han- Schooneveldt a deusa é retratada afagando seu cão com semblante tranqüilo desaparecendo a atitude de comando da antiguidade. Através das imagens é possível perceber o referencial de identidade construído pelo povo holandês na atualidade. Donna Kaunike, artista de Cortland- Ohio, faz uma representação a pedido de um grupo de neo-pagãos. Nesta imagem o cão tem tamanho avantajado, pois representa os seguidores desta “Tradição Nehalênica”. Esta tradição pagã chamada *Nehallenic Tradition of Wicca* organiza cultos dedicados à deusa nos EUA. A base religiosa foi montada em meados de 1970 na Filadélfia com pessoas de diferentes origens do norte da

<sup>20</sup> Mondrian fez parte da Domburg School e foi lá que desenvolveu seu caminho para o abstracionismo.

Europa e possui núcleos no referido continente. Seu sistema consiste na aceitação de membros que se familiarizarão com os princípios e a partir daí serão dedicantes passando por três graus ajudados por membros mais experientes. O panteão cultuado tem como deusa maior Nehalennia

A deusa teve garantida sua permanência de diversas formas. Uma libélula foi batizada com seu nome no século XIX e também um asteróide em 24/09/1960. A escritora Marion Zimmer Bradley aponta em seu livro, *A Sacerdotisa de Avalon* (2000) a devoção de um germânico para com esta divindade. Os trabalhos musicais e de narração de mitos celtas do flautista Jules Bitter tem diversas referências à deusa, inclusive um cd especial com seu nome. A sinfonia foi executada na reabertura do templo em 2005 (já mencionado anteriormente). A dupla regional Hoed en de Rand em seu cd *Musicas para o mar* apresenta uma composição dedicada à Nehalennia.

No Brasil as tradições neo-pagãs de origem germânica e alguns ramos wiccanianos cultuam esta deusa. Nutrem sua devoção com publicações específicas religiosas e/ou com base histórica. Uma Tradição Germânica sediada em São Paulo, a coloca na classificação de uma Vanir, provavelmente baseando-se na teoria de Hilda Davidson (2004: 141) e/ou na escritora pagã Mirela Faur (2007 :110-111).

### **Conclusão**

Nehalennia é citada como deusa proto-céltica, também como proto-germanica e o fato de ser marítima corrobora para a construção de uma atmosfera misteriosa. É possível concluir que esta deusa pode ser encarada também como deusa psicopompa, pelas características estudadas da divindade, sua proximidade com o cão, maçãs e barco em especial. Embora não tenhamos conhecido registro epigráfico afirmando isso, temos a iconografia, a etimologia e a semelhança entre as divindades que se apresentam na companhia de um cão. Além disso, ela é uma deusa que ajuda na travessia marítima dos comerciantes. Estes ex-votos funcionam como uma demonstração de poderio econômico, já que somente homens livres e com recursos poderiam encomendar tais peças ou erigir templos.

O papel do cão poderia ser dividido em dois aspectos: do cotidiano e da vida espiritual. Vez por outra estas facetas se misturam, pois o cão é guardião em ambas as esferas. Sua função na vida cotidiana seria a de proteger, guiar e de companhia, além de caça e pesca. No aspecto espiritual ele seria aquele que guia para a outra vida e que protege este limiar impedindo que estes mundos se confundam. Ainda com relação aos deuses o cão mostra-se fiel, mantendo a mesma postura que mantém no mundo físico. A ferocidade do cão descrita nos mitos, como no caso do Cérbero ou de Garm, contrapõe-se aos escritos lapidares da Gália onde os cachorros são vistos como doces, meigos e dignos da saudade humana. A ambigüidade fica posta, pois é também compartilhada por este tipo de divindade.

A iconografia de Nehalennia da antiguidade apresenta este caráter dúbio, ora com semblante suave de uma matrona, ora com olhar severo e o pé sobre o barco. Um símbolo de fertilidade, abundância, mas também de força. As representações atuais, entretanto, demonstram apenas o lado suave da divindade, aquela que agracia o povo Holandês com elementos para sua identidade. A estética clássica romanizada também colabora para a construção da idéia de um passado digno. A reconstituição do Templo e a descoberta dos altares trazem visibilidade na comunidade europeia no campo histórico e arqueológico, servem como referência para a arte contemporânea e estimulam o turismo atual.

O culto neo-pagão para esta divindade atualmente dá-se na Holanda (e alguns outros países europeus), EUA e Brasil. Como o conhecimento religioso é inspiracional e baseado na fé, muitas tradições apresentam variações na forma de conceber um perfil e um culto para Nehalennia.

### Documentação arqueológica:

Peças: i1970/12.43; i1970/12.38; i1970/12.50; i1971/11.57; i1974/9.195; i1970/12.12; i1970/12.13; i1970/12.34; i1971/11.53; i1970/12.18.

Highlights from the Dutch National Museum of Antiquities

[http://www.geheugenvannederland.nl/tentoonstellingen/RMO\\_en/tentoon6.html](http://www.geheugenvannederland.nl/tentoonstellingen/RMO_en/tentoon6.html)

Acesso em: novembro/dezembro de 2007/ março de 2008

Altar e inscrição Nehalennia

[http://www.geheugenvannederland.nl/tentoonstellingen/RMO\\_en/tentoon6.html](http://www.geheugenvannederland.nl/tentoonstellingen/RMO_en/tentoon6.html)

Acesso em: fevereiro de 2008

Inscrições de Nehalennia

[http://www.celt.net.org.uk/gods\\_n/nehalennia.html](http://www.celt.net.org.uk/gods_n/nehalennia.html)

Bico de pena /cópia **SAT / KZGW ZI-III-0137**

A.C. Bonn, 1805, H. van Schuylenburgh, 1647

Moeda **VA-2061-1 Cunobeline of the Trinovantes**

### Documentação de Iconografia atual:

Obras de arte:

**Nehalennia** - Anniemarie Han- Schooneveldt

[www.studiohotspot.net/sculpture\\_pricing.asp](http://www.studiohotspot.net/sculpture_pricing.asp)

**Nehalennia** -Jeroen van Valkenburg 2005

<http://jeroenvanvalkenburg.exto.nl/gallery/objects/id/105375.html>

**Nehalennia op Mondriaan-bank**- Guido Metsers 1999

[http://nl.wikipedia.org/wiki/Guido\\_Metsers](http://nl.wikipedia.org/wiki/Guido_Metsers)

[http://www.geschiedeniszeeland.nl/themas/nehalennia/domburg\\_colijnsplaat/waar\\_te\\_zien?lng=nl](http://www.geschiedeniszeeland.nl/themas/nehalennia/domburg_colijnsplaat/waar_te_zien?lng=nl)

### Documentação musical:

Musiek van de Zee- Hoed en de Rand

Peter van der Steen ; Jelle van der Melen

[www.hoedenderand.nl/2ecd.html](http://www.hoedenderand.nl/2ecd.html)

**Nehalennia Suite**- Jules Bitter

[http://www.emusic.com/label/FP-Productions-CD-Baby-MP3-](http://www.emusic.com/label/FP-Productions-CD-Baby-MP3-Download/114112.html)

[Download/114112.html](http://www.emusic.com/label/FP-Productions-CD-Baby-MP3-Download/114112.html)

### Documentação Textual:

C. Plinius Secundus The Historie of the World. Book IX. XXIX, XXX Philemon

Holland, translator (1601).<http://penelope.uchicago.edu/holland/pliny9.html>

Acesso em: outubro de 2006 /maio de 2007/maio de 2008.

Opian Cynegetica ("On Hunting"),

[http://penelope.uchicago.edu/~grout/encyclopaedia\\_romana/miscellanea/canes/canes.html](http://penelope.uchicago.edu/~grout/encyclopaedia_romana/miscellanea/canes/canes.html) Acesso em: maio de 2007

Tácito Germânia <http://www.ricardocosta.com/> Acesso em: maio de 2007

The Edda Poetic. translated by HENRY ADAMS BELLOWS [1936]

<http://www.sacred-texts.com/neu/poe/index.htm> acesso em: maio de 2007/ abril de 2008

**Bibliografia:**

- BLENCH, Roger. *Archaeology and Language: methods and issues*  
[www.rogerblench.info/Archaeology%20data/CH4-BLENCH.pdf](http://www.rogerblench.info/Archaeology%20data/CH4-BLENCH.pdf)  
Acesso em: março de 2008
- CHEVALIER, *The Greco-Roman Conception of the North from Pytheas to Tacitus*. Artic vol. 37, NO.4, December 1984, p341-346.
- DAVIDSON, Hilda Roderick Ellis. **Deuses e Mitos do Norte da Europa**. Tradução: Marcos Malvezzi Leal. São Paulo: Madras, 2004
- DUVAL, Paul Marie. **La vie Quotidienne en Goule Pendant la Paix Romaine**. Paris: Librairie Hachette, 1952
- Dicionário de mitologia greco-romana**. Abril, São Paulo, 1976.
- FRANCHINI, A.S. , SEGANFREDO, Carmem. **As melhores Histórias da Mitologia Nórdica**, Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004.
- KRAEMER, Ross S. **Maenades, martyrs, matrons monastics: a sourcebook on women's religions in the greco- roman world**. Fortress Press, Philadelphia, 1989.
- GREEN, Miranda. **Dictionary of Celtic Myth and Legend**. London: Thames and Hudson, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Celtic Myths**. Austin: University of Texas- British Museum Press, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Symbol & Image in the Celtic Religious Art**. Routledge. Art & Art Instruction, 2003.
- LURKER, Manfred. **Dicionário dos deuses e demônios**. Martins Fontes, São Paulo, 1993.
- MACKILLOP, James. **Dictionary of celtic Mytology**. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- NAPIER, Séamus de. *The Place- Names of Roman Britain and Ireland*.  
[www.alecbanmacconail.co.uk/adobe%5Croman.pdf](http://www.alecbanmacconail.co.uk/adobe%5Croman.pdf)  
Acesso em dezembro de 2007
- PANOFSKY, Erwin. **Significado nas Artes Visuais**. Tradução: Maria Clara F. Kneese e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva , 1979.
- VERBOVEN, Koenraad. *Good for Business. The Roman Army and the Emergence of a "Business Class" in the Northwestern provinces of the Roman Empire (1<sup>st</sup> century BCE – 3<sup>RD</sup> century CE)* Published in: De Blois Lukas & Lo Cascio Elio (eds.), **The Impact of the Roman Army (200 BC - AD 476). Economic, Social, Political, Religious and Cultural Aspects**, Leiden & Boston, Brill, 2007, p. 295-314.

# A RELAÇÃO ENTRE ROMA E OS ‘CELTAS’: UM ESTUDO INICIAL A PARTIR DOS RELATOS ANTIGOS SOBRE AS MULHERES CELTAS

Pedro Vieira da Silva Peixoto<sup>21</sup>

## Introdução

O tema envolvendo o Império Romano e suas mais diversas formas de relacionamentos com as sociedades então tidas como “bárbaras” sempre despertou, ao longo de diversos anos, a curiosidade por parte dos estudiosos da Antigüidade. Este trabalho é fruto de uma pesquisa ainda inicial, tem por objetivo principal analisar como alguns desses tipos de interação eram representados nos textos antigos.

Como recorte temático, trabalharemos exclusivamente com os relatos antigos que se vinculam a Roma e que tratam das sociedades celtas. Optamos ainda por analisar o modo como as mulheres celtas são apresentadas na documentação selecionada, almejando, nesse sentido, destacar a interação e os contatos existentes entre essas mulheres e Roma. Desejamos ressaltar a imagem que é construída em relação à mulher celta e como ela dialoga com a visão que é, em parte, construída acerca dos próprios celtas por alguns autores antigos.

## O Mediterrâneo e os Celtas

Vários foram os autores gregos e romanos que descreverem as sociedades celtas e suas participações em alguns acontecimentos históricos que marcaram as sociedades Mediterrâneas<sup>22</sup>. A visão que gregos e romanos

---

<sup>21</sup> Aluno do quinto período do curso de Graduação em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) sob a orientação do Prof.Dr. Fábio de Souza Lessa e a co-orientação da Dra Adriene Baron Tacla. É membro e pesquisador do Laboratório de História Antiga (LHIA) da UFRJ e do Centro de Estudos Interdisciplinares da Antigüidade (CEIA) da UFF. E-mail: pedropeixoto@ufrj.br

<sup>22</sup> Hecateu de Mileto, Heródoto, Xenofontes, Platão, Pseudo-Scylax, Eudoxus de Cnidos, Aristóteles, Eforus de Cyme, Theopompus, Píteas, Ptolomeu I, Sopater, Políbio, Possidônio, César, Cícero, Lívio, Ausonius são alguns dos principais autores que falaram, em algum momento de suas obras, a respeito dos antigos celtas (FREEMAN: 1996).

tinham dos celtas era basicamente a de uma sociedade bárbara guerreira – a imagem que, em grande parte é construída, é a de um povo feroz, corajoso em excesso<sup>23</sup>, beligerante, descontrolado, sem limites e demasiadamente agressivo e violento. Acreditamos que em grande parte tal visão se deve a uma das formas mais freqüentes de interação entre celtas e mundo greco-romano: a guerra.

Quase sempre o principal contato que os autores mediterrâneos tinham com os celtas vinha através da guerra e das investidas realizadas por algumas tribos gaulesas em seus territórios: os gregos, após o século III, com a invasão do exército celta que marchou no coração da Grécia indo até a Ilha de Delphos, passaram a nutrir uma espécie de preocupação acerca dos celtas passando a considerá-los como uma espécie de perigo constante e não muito distante, depois desse acontecimento<sup>24</sup>.

Os romanos, igualmente, haviam sofrido com investidas celtas em seu território, no passado, especialmente no ano de 390 em que Roma quase fora destruída por guerreiros do Vale do Pó, e, constantemente, ao longo de quatro séculos, os romanos tiveram que enfrentar os celtas todas as vezes que desejavam levar à frente, na Europa, seus projetos de expansão territorial (FREEMAN: 2002, p.1 ; CUNLIFFE: 2003, p.10).

Devemos também chamar a atenção para as diversas motivações específicas de cada autor ao escrever seus relatos, como também para a idéia comum que quase todos eles compartilhavam em relação aos celtas, concordando, aí, com Barry Cunliffe quando diz que:

*“Os historiadores da Grécia e Roma, escritores tais como Polybius (204-122 a.C), Lívio (59 a.C-17 d.C) e Pausanias (final do segundo século depois de Cristo), estavam todos tentando projetar imagens particulares da história. Suas apresentações pessoais dos celtas*

<sup>23</sup> A respeito da coragem do homem virtuoso e da coragem celta como um excesso prejudicial, conferir Aristóteles em a Ética a Nicômaco 3.7.6-7 (1115b) e a Ética a Eudêmio 3.1.25 (1229b).

<sup>24</sup> Segundo Philip Freeman, a pouca quantidade de documentação grega em relação aos celtas do século III deve-se ao fato de que até aquele momento não havia motivo para que os gregos se preocupassem com os celtas, pois para aqueles “os celtas eram somente mais uma outra raça bárbara distante. Comerciantes traziam estórias sobre eles, e ocasionalmente um pequeno grupo de guerreiros celtas talvez aparecesse entre mercenários de um exército contratado, mas eles não eram uma ameaça ao civilizado homem grego e a seus negócios diários.” (FREEMAN: 2006, p.30).

*eram necessariamente condicionadas por isso, mas a mensagem comum que todos desejavam comunicar era a de seus sistemas próprios triunfando sobre as forças de fora – a racional, civilizada ordem de controle do estado contrastada com o selvagem, o caos dos primitivos bárbaros.” (CUNLIFFE: 1997, p.6)*

É igualmente importante destacar alguns pontos em relação à documentação romana especificamente. É a partir do século I a.C que os relatos sobre os celtas tornam-se cada vez mais extensos e detalhados e, mesmo que eles fizessem uso de uma antiga tradição (ver tradição Possidônica em TIERNEY: 1960 e NASH:1976) e estereótipos comuns, foi a partir desse momento que um “novo senso de realidade” foi proposto por escritores como César, Lucano e Tacitus (CUNLIFFE: 1997, p.9). Torna-se então cada vez mais referente, a idéia da conquista justificada: a romanização como forma efetiva de livrar o civilizado mundo romano de possíveis ameaças e a possibilidade de levar paz e estabilidade aos bárbaros. É tomando como ponto de partida tais elementos e pressupostos que buscaremos desenvolver o presente trabalho.

### **As Mulheres Celtas nos Textos Antigos**

Optamos, como primeiros textos a ser trabalhados, pelos relatos de Plutarco. Esse autor grego menciona um importante acontecimento envolvendo um centurião romano e a esposa de um chefe tribal gálata. Esse relato, feito por Plutarco a partir de Políbio, diz respeito à história de Chiomara (PLUTARCO, **De Mulierum Virtutibus**, XXII).

Chiomara, esposa de Ortiagon, chefe dos Tolistobogii, era de linhagem nobre e importante e viveu na Galácia durante a época de subjugo dos gálatas a Roma, no século II. Quando os romanos ocuparam a região sob o comando de Gnaeus Manlius, era comum que centuriões capturassem diversas mulheres gálatas para divertirem-se após as lutas, estuprando-as e utilizando-as como prisioneiras ou até mesmo escravas. Chiomara estava entre uma das mulheres capturadas pelos romanos, e o centurião que a estuprou e a seqüestrou, segundo Plutarco, era “uma besta ignorante que amava tanto o prazer quanto o dinheiro, mas que no final o seu amor pelo dinheiro foi maior” (PLUTARCO, **De Mulierum Virtutibus**, XXII). Ao perceber a origem nobre de Chiomara, o

centurião, objetivando lucrar e tirar benefícios financeiros com um possível pagamento de resgate, leva-a até os homens de seu povo para negociá-la com eles. Após o romano ter recebido o dinheiro, enquanto despedia-se, Chiomara dá um comando para seus homens e ordena que eles ataquem o centurião. Um dos gálatas o decapita com um golpe de espada. Plutarco chega até mesmo a relatar a volta de Chiomara para casa e o diálogo com seu marido:

*“Ela pegou a cabeça, enrolou-a em seu casaco, e voltou para casa. Quando retornou ao seu marido, ela jogou a cabeça aos pés dele. Ortiagon estava espantado e disse: “Mulher, uma coisa boa é boa fé”. “Sim” ela respondeu “uma coisa melhor ainda é que somente um homem que tenha cruzado o meu caminho permaneça vivo”. Políbio disse que mais tarde encontrou e conversou com Chiomara em Sardis e ele ficou impressionado com sua inteligência e espírito indomável”.*(PLUTARCO, **De Mulierum Virtutibus**, XXII)

Mais um acontecimento também narrado por Plutarco é o que diz respeito à participação celta nas fileiras do exército de Hannibal. Para os celtas, era comum o fato de mulheres e crianças acompanharem os homens ao campo de batalha em época de guerra (RANKIN: 2002, p.252). Na época em que Hannibal organizara seu exército, os Cartagineses e os Celtas viviam em constante conflito no interior do exército, trocando ofensas e xingamentos com grande frequência e quase sempre criando brigas. Plutarco relata que para resolver a questão e pôr um fim nessa desordem militar, estabeleceu-se a seguinte medida no exército: todas as ofensas dirigidas aos soldados cartagineses seriam avaliadas e julgadas por seu general militar; e da mesma forma, todas as injúrias e ofensas dirigidas aos guerreiros celtas deveriam ser avaliadas e julgadas pelas suas mulheres(PLUTARCO, **De Mulierum Virtutibus**, VI).

O historiador romano Tacitus, também fornece o relato a respeito de umas das figuras femininas mais conhecidas e importantes na História dos celtas – a Rainha Boudicca ou Boadicea (TACITUS, **Annais**, 14.31). Boudicca, então rainha dos Icenos, era casada com Prasutagus, famoso por suas

riquezas e propriedades. Quando este morre, ele deixa como seus herdeiros as suas duas filhas e o imperador de Roma, pensando que com este último ato ele garantiria a segurança de seu reino e de sua família. O que acaba acontecendo é justamente o inverso: os romanos não aceitam as filhas de Prasutagus como legítimas para o trono e empreendem assassinatos e mortes no território dos icenos, destruindo terras, humilhando os senhores locais e até mesmo tratando os parentes do antigo rei como escravos. As duas filhas do rei são violentamente humilhadas através de estupros e a própria rainha Boudicca é torturada e castigada com chicotadas. Os icenos então se juntam sob a autoridade da rainha e se rebelam contra os romanos com o auxílio de algumas outras tribos. Os rebeldes, aproveitando-se da campanha do governador local, Suetonius Paulinus, em Gales, atacaram e destruíram Camulodunum (atual Colchester), Verulamium (St.Albans) e Londinium (Londres). É a própria Boudicca que também toma toda a liderança e decisões militares, comandando a rebelião conforme Tacitus aponta:

*“Boudicca montou em sua carruagem com suas filhas ao seu lado e passou em frente a todo o exército, incitando todos para lutarem pela última vitória. ‘Não é estranho para os britânicos serem liderados por uma mulher na guerra. Mas eu luto não como uma rainha de linhagem gloriosa para restituir meu reinado e poder, mas como uma simples mulher de um povo que perdeu sua liberdade como um escravo e viu suas filhas violadas em frente a seus olhos (...) Mas é isso que eu enquanto uma mulher desejo – que eles (os romanos) vivam para eles mesmos serem escravos”.*(TACITUS, **Annais**, 14.35)

Tacitus também comenta que *“os britânicos não fazem distinção de sexo no que diz respeito à escolha de seus comandantes”* (TACITUS, **Agrícola**, 16). Estrabão chega a comentar, mesmo que brevemente, a respeito do papel e da dinâmica de gênero entre os gauleses:

*“Considerando os costumes relativos a homens e mulheres, as tarefas que cada sexo desempenha são trocadas, de maneira que é o*

*oposto do que é achado em nossa sociedade, mas isso é comum entre os povos bárbaros”(STRABO, **Geography**, 4.4.3)*

Outro autor importante que também faz menção à mulher celta é Diodoro Sículo. Em sua *Biblioteca*, Diodoro relata algumas das características que seriam supostamente comuns ou típicas a todas as mulheres gaulesas: “As mulheres gaulesas não são somente iguais aos homens em tamanho, mas elas também a eles se igualam em força física”(DIODORO SÍCULO, **Library**,5.27) .

Por fim, um dos últimos autores a comentarem a respeito do tema é Ammianus Marcellinus. Em sua *História*, Ammianus menciona o papel da mulher gaulesa e destaca com grande ênfase a sua importância no campo de batalha:

*“Praticamente todos os gauleses são altos, belos e com as feições avermelhadas, possuem olhos claros, adoram arrumar brigas e são incrivelmente insolentes. Se um deles, em batalha, chama a ajuda de sua esposa, a qual com seus olhos penetrantes é bem mais forte que ele, nem mesmo uma tropa toda de estrangeiros pode enfrentá-los. Isso é especialmente verdade quando, inchando seu pescoço, ela começa a golpeá-los com seus enormes braços brancos e misturando chutes ferozes com suas rajadas, acerta os inimigos com a força de uma catapulta”.*(AMMIANUS MARCELLINUS, **History**, 15.12.1)

É interessante notar como, aparentemente, todos esses autores parecem estar de acordo entre si a respeito do que teria sido verdadeiramente a mulher na sociedade celta. Todos os relatos parecem traçar um mesmo panorama indo sempre ao encontro das mesmas características como se dialogassem perfeitamente acerca de uma realidade que era, por assim dizer, explícita ou bem clara aos seus olhos.

Enxergamos tais semelhanças não como meros frutos de cópias de alguns autores em relação a outros, apesar de ser possível observar, em alguns casos, um diálogo direto com autores de referência, como, por exemplo, no caso da influência de Possidônio. Queremos, com isso, portanto, argumentar que as diversas semelhanças presentes nas fontes, a nosso ver, são ocasionadas, em sua maioria, pela existência do que poderíamos chamar

de um conhecimento ‘geral’, ‘público’ ou de ‘senso comum’ da audiência romana em relação aos celtas (NASH:1976, p.114) e que é difundido, tanto pela literatura, como pela tradição e educação desses indivíduos.

De todos os autores, talvez o único que tenha apresentado um quadro totalmente diferente em relação ao tema das mulheres celtas seja Júlio César. Segundo ele, “os homens têm, na qualidade de maridos, direito de vida e morte sobre suas mulheres, assim como na de pais sobre seus filhos” e em caso de suspeitas de que mulheres tivessem causado a morte de seu marido, estas seriam rigorosamente interrogadas, podendo ser condenadas à morte pelo fogo, junto com torturas de todas as naturezas (CÉSAR, **De Bello Gallico**, VI, XIX). A imagem, portanto, que é apresentada no *De Bello Gallico* é a de que as mulheres são relativamente submissas e obedientes a seus responsáveis, sejam estes os principais homens da família ou seus próprios maridos<sup>25</sup>.

Acreditamos que tal diferenciação em relação ao tema abordado deve-se exclusivamente ao fato de César possuir um objetivo político próprio em mente, bem específico e claro. Acreditamos que a intenção desse autor fosse justamente a de reforçar o aspecto nobre, combatente, belicoso, guerreiro, bravo e, portanto, masculino da sociedade gaulesa, com isso destacando o próprio triunfo sobre o inimigo vencido, refletindo, assim, sua glória e mérito enquanto vencedor (FREEMAN: 2002, p.13 e CUNLIFFE: 2003, p.17). Dessa forma, parece-nos extremamente plausível a inexistência de relatos por parte de César em relação às mulheres pegando em armas e lutando ao lado de homens. Primeiramente, porque uma vitória militar realizada sob o comando de mulheres não era considerada um grande feito militar. E ainda devido ao fato de que César ao longo do esforço de conquista da Gália perdeu vários homens e tropas, passando por diversos momentos de dificuldade. Seria, então, ainda mais vergonhoso e desonroso fazer menção a mulheres associadas à prática da guerra, pois isso implicaria diretamente que mulheres teriam sido capazes

---

<sup>25</sup> Isso fica bem expresso em relação ao modo como os casamentos se davam segundo César. Ainda no *De Bello Gallico*, ele menciona os casamentos que estrategicamente eram realizados pelos chefes gauleses. Dois bons exemplos são os que dizem respeito a Orgetorix, que dá sua filha em casamento (CAESAR, **De Bello Gallico**, I, 3.5) e Dumnorix, que casa a própria mãe entre os biturígios, a irmã e ainda alguns parentes em outras localidades (CAESAR, **De Bello Gallico**, I, 18).

de vitórias em situações em que, por várias vezes, soldados romanos teriam sido derrotados e mortos por mulheres.

### **Conclusão**

Buscamos mostrar e discutir, mesmo que de forma ainda introdutória, os principais relatos antigos que tratam das mulheres celtas e que possuem algum vínculo com Roma. Trabalhamos principalmente com as figuras da “mulher guerreira” ou da “rainha que lidera tropas”, pois essas representações são as mais comuns nos textos etnográficos antigos que tratam desse tipo de mulheres. No entanto, tentamos destacar que poderia também haver variações quanto à representação dessas mulheres, (vide o exemplo de César), e que nesse sentido é fundamental uma análise mais cuidadosa das próprias motivações de cada um dos autores.

Fica ainda ressaltado também que o presente trabalho não teve em nenhum momento a pretensão de discutir a veracidade e comprovação de tais relatos. Não nos interessa saber se de fato houve mulheres guerreiras que comandavam e lideravam tropas ou se, ao contrário, isto seria uma invenção e o que ocorria era na verdade o extremo oposto. Ao contrário, o que se objetivou através deste trabalho foi analisar o modo como estas mulheres são apresentadas na documentação tal como identificar os diversos discursos que são, em relação a elas, construídos.

Acreditamos que a ênfase dada ao aspecto militar das referidas mulheres, destacando sua bravura em campo de batalha, suas funções de chefia e liderança militar, tem por objetivo principal a construção de um sentimento de identidade baseado na alteridade, ou seja, na diferenciação em relação a esse “outro” que é relatado. Enxergamos a mulher celta e os celtas como um todo, como sendo sempre esse “outro” nos relatos antigos – aquele que está além do civilizado Mediterrâneo. Dessa forma, parece-nos extremamente lógico que algumas das principais características que identificam os celtas como bárbaros - tais como a beligerância, o espírito insolente e descontrolado e a violência - sejam também atribuídas a suas mulheres, reforçando, portanto, a diferença entre Mediterrâneo/ romano/ civilizado/ organizado e Celta/ bárbaro/ selvagem/ desorganizado.

## BIBLIOGRAFIA

### 1 - Documentação Textual

AMMIANUS MARCELLINUS. *Roman History, I : Books 14-19* . London: Loeb Classical Library , 1985

CAESAR. The Gallic War. London: Harvard University Press,2004.

DIODORUS SICULUS. Library of History. London: Loeb Classical Library,2000.

PLUTARCH. De Mulierum Virtutibus. In: PLUTARCH. *Moralia*(Vol. III). London: Loeb Classical Library, 1931, pp.471-581

STRABO.Geography.In:<http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Strabo/home.html>( acessado pela última vez em:31/05/2008)

TACITUS. The Agricola and The Germania . London:Penguin Classics,1971

TACITUS . The Annals of Imperial Rome. London: Penguin Classics , 1956

### 2- Obras Gerais

CUNLIFFE, Barry. The Ancient Celts . Oxford : Oxford University Press , 1997.

\_\_\_\_\_. The Celts – A very short introduction . Oxford : Oxford University Press , 2003.

FREEMAN, Philip.The Earliest Greek Sources on the Celts.Études Celtiques ,XXXII , 1996,pp.11-40 .

\_\_\_\_\_.War, Women and Druids – Eyewitness Reports and Early Accounts of the Ancient Celts . Austin : University of Texas Press , 2002 .

\_\_\_\_\_. The Philosopher and the Druids : A Journey Among The Ancient Celts. New York: Simon & Schuster : 2006 .

NASH,Daphne. Reconstructing Poseidonio's Celtic Ethnography:Some Considerations.“Britannia”,Vol.7.(1976),pp.111-126

RANKIN,David. Celts and the Classical World. London:Routledge,2002.

TIERNEY,J.J.. The Celtic Ethnography of Posidonius. “Proceedings of the Royal Irish Academy”, Vol.60., Sec.C,No.5 (1960) , pp.189-224.

# A JUDÉIA ROMANA À LUZ DE TRÊS “INVARIANTES HISTÓRICOS”: RESISTÊNCIA, TOLERÂNCIA E INTOLERÂNCIA

Prof. Mestrando Jorwan Gama da Costa Junior (PPGHC – LHIA – UFRJ)

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Norma Musco Mendes

Este artigo é fruto da pesquisa *A inaplicabilidade do conceito de romanização na Judéia entre os séculos I a.C. e II d.C.* desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em História Comparada sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Norma Musco Mendes. Como a pesquisa se encontra ainda em sua fase inicial, e objetivamos aqui apresentá-la, focaremos este trabalho sobre três conceitos básicos para o entendimento das relações entre romanos e judeus na Judéia entre os séculos comentados: resistência, tolerância e intolerância. Sendo assim, analisaremos aqui dois trechos de Flavio Josefo em sua obra “*Guerra dos Judeus contra os romanos*” que nos relatam os atos de Pompeu e dos judeus no ano de 63 a.C. durante a invasão do Templo de Jerusalém pelos romanos. Antes da análise, porém, faz-se adequada uma breve apresentação da pesquisa referida.

*A inaplicabilidade do conceito de romanização na Judéia entre os séculos I a.C. e II d.C.* tem como objetivo geral compreender as dificuldades encontradas pelos romanos para consolidar o processo de dominação imperial na Judéia, enfocando nos conflitos que geraram uma posição quase imutável de resistência dos judeus ao domínio romano. O que evidencia nosso pressuposto de que não podemos falar em romanização na Judéia entre os séculos I a.C e II d.C.

À primeira vista, trata-se de uma pesquisa de cunho político, uma vez que as relações de dominação entre povos geralmente são tratadas como tal. Contudo, o imperialismo romano permitiu um contato cultural entre Roma e outros povos que enriquece e permite que seu estudo seja direcionado a uma abordagem mais cultural, sem perder o foco político. Afinal, a romanização é fruto da política imperialista romana; e enquanto esta expandia os limites geográficos do Império, aquela tinha como objetivo aumentar as fronteiras culturais do mesmo. Para isso, a romanização utilizava-se de uma série de mecanismos que envolviam as guerras, a cooptação das elites locais e a negociação. Contudo, a região conquistada apresentava uma população nativa que apresentava formas de resistências diversas. Desse modo, temos um entrelaçamento cultural<sup>26</sup> que acarretará uma série de mudanças em ambas as culturas envolvidas, podendo até mesmo levar a futuros problemas identitários e a criação de novas identidades, por vezes híbridas.

Fica clara a íntima relação entre imperialismo romano e identidades na pesquisa, cuja hipótese de trabalho sustenta a teoria de que a formação identitária judaica era inadaptable à formação romana, impedindo que o processo de dominação imperial fosse completado.

Por isso, fazemos uso da idéia de Marc Augé de que a formação identitária dos povos é marcada pela alteridade cultural. Em outras palavras, com base no outro, nós definimos aquilo que somos e o que não somos formando assim nossa identidade<sup>27</sup>. Sobre a identidade, podemos ainda acrescentar a contribuição de Stuart Hall que a vê como uma série de significados transmitidos ao sujeito através da cultura. Esses significados permitem que o indivíduo se situe no mundo e possa se ver como membro de uma comunidade, criando com essa uma sensação de identidade e lealdade, que também poderiam ser internalizados no homem através da religião, conforme é visto no caso dos judeus.

---

<sup>26</sup> O *entrelaçamento cultural* a que me refiro nada mais é do que a idéia de “experiências divergentes” de Edward Said. Um choque entre culturas supõe-se um choque entre dois sistemas culturais divergentes, com características próprias, que devem ser estudados separadamente e de forma profunda, levando em conta que ambas as culturas interagem entre si. Para ver mais: SAID, E. W. **Cultura e Imperialismo**. SP: Cia. das Letras, 1995.

<sup>27</sup> AUGÉ, M. **O sentido dos outros**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

Quando dois povos com identidades culturais diferentes encontram-se, reações emergem de ambos os lados, como é o caso dos romanos e dos judeus, cujos laços de lealdade e identidade eram formados por uma base político-jurídica e outra religiosa, respectivamente. É neste momento que chegamos aos conceitos de resistência, tolerância e intolerância, que permitirão que nossa análise do processo de dominação imperial na Judéia seja feita com base na comparação.

Comparação esta que será possível graças às contribuições de Paul Veyne e seus invariantes históricos, que nada mais são que conceitos que, apesar de utilizados em contextos diferentes, não apresentam alterações sua forma morfológica, mas sim uma grande diferenciação em sua semântica. Dessa forma, os invariantes de Veyne permitem analisar as peculiaridades dos fatos históricos, que não deixam de apresentar sua faceta singular apesar de sua análise ser feita com uma profunda contribuição sociológica.<sup>28</sup>

Sendo assim, podemos analisar o processo de dominação imperial romana na Judéia tendo por base as diferentes formas de resistência, tolerância e intolerância manifestadas na região. Isto posto, nossas questões estão diretamente relacionadas a esses conceitos, e algumas delas são: Quais foram os tipos de resistência que os judeus apresentaram aos romanos? Em quais aspectos as resistências apresentadas por saduceus, fariseus e essênios se diferenciam? Há períodos em que essa resistência sofre uma diminuição de sua intensidade? Já para a tolerância, podemos nos perguntar o seguinte: Em quais períodos os romanos foram tolerantes com os judeus? Quais os motivos que estavam por trás dessa tolerância? Sua tolerância significava um respeito à alteridade, uma incapacidade de absorver a cultura judaica ou uma forma de manter a estabilidade da região? Os atos de intolerância podem ser vistos como um atestado de incapacidade dos romanos em lidar com a especificidade da cultura judaica?

Como já foi comentado antes, focaremos aqui nos pontos de resistência, tolerância e intolerância. Para tratar da resistência selecionamos um trecho de

---

<sup>28</sup> VEYNE, P. *O inventário das diferenças*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

Flavio Josefo, onde o historiador comenta a entrada de Pompeu no templo de Jerusalém.

*Por fim de três meses de cerco, durante o qual os romanos puderam destruir uma torre, Pompeu tomou o Templo de assalto. (...) Vários dos sacerdotes que estavam ocupados nas funções de seu ministério, viram-nos sem se assustar vir de espada na mão; preferindo o culto de Deus à própria vida, deixaram-se matar continuando a oferecer o incenso e as adorações que lhe são devidas (grifo nosso). Os judeus do partido de Pompeu não pouparam nem aos da própria nação, que tinham seguido a Aristóbulo, e a maior parte dos que escaparam ao seu furor, ou se precipitaram do alto dos rochedos ou puseram fogo em tudo o que os rodeava, lançando-se nas chamas, o que era efeito de seu desespero (grifo nosso). Assim doze mil judeus pereceram, ao contrário muitos poucos romanos morreram; muitos porém ficaram feridos.<sup>29</sup>*

Partindo desse trecho podemos evidenciar o que compreendemos por resistência e onde ela pode ser vista nas palavras de Josefo. Primeiramente, é preciso destacar que a resistência é uma reação a uma ação ocorrida anteriormente, em outras palavras, é um ato reativo. Além disso, a resistência é uma das reações que existem nas relações culturais entre povos com identidades diferentes, como propôs Burke.<sup>30</sup> Nesse caso, seria uma espécie de defesa das fronteiras culturais contra o agressor externo. Não deixamos de lado as explicações do Dicionário de Sociologia de Fairchild, que considera a resistência como oposição persistente, reiterada e violenta contra a ordem estabelecida<sup>31</sup>. Por fim, devemos nos lembrar da tipificação de Said, que vê a resistência de dois modos: ideológico e físico.<sup>32</sup>

<sup>29</sup> JOSEFO, F. Guerra dos Judeus contra os romanos, 5,31 In: **História dos Hebreus**. CPAD, 1995.

<sup>30</sup> Peter Burke trata de uma série de reações que emergem de culturas em contato. Não é nosso caso aqui tratar de todas, embora uma leitura das diversas formas de reações a cultura estrangeira é deveras importante para compreendermos melhor a idéia de resistência. A obra de Burke também é importante por mostrar que as reações podem ser positivas, e não apenas negativas, que é como pensamos a resistência, como uma oposição à cultura estrangeira. Para saber mais, ler: BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. UNISINOS, São Leopoldo, 2006.

<sup>31</sup> FAIRCHILD, H.P.(ed.) **Dicionário de Sociologia**. Tradución y revisión de T. Muñoz, J. M. Echavaria y J. Calvo. Fondo de Cultura Económico; México, 1949.

<sup>32</sup> As contribuições de Said são deveras interessantes, pois ele permite que vejamos que em todo processo de dominação imperial há dois lados, o invasor e o nativo. Logo, não há como estudarmos um processo imperialista sem

Assim, nos relatos de Josefo observamos dois atores, judeus e romanos. Enquanto esses atacavam aqueles reagiam, ofereciam resistência. Preferir o culto de Deus à própria vida é uma forma de resistência ideológica, conforme sugeriu Said, pois permite a manutenção da cultura judaica, que dá mostras de não se curvar perante às armas romanas. Como também os suicídios do alto do rochedo apresentam-se como formas de resistência à cultura romana, evidenciando sua preferência a morte a ter que assistir à profanação do Templo por um pagão.

Não é possível deixar de lado também o trecho em que Josefo fala em que os judeus põem fogo em tudo o que os rodeava, nesse exato instante a resistência deixa de ser meramente ideológica e passa a ser também física. E se os romanos já haviam obtido o controle da situação, pelo menos administrativamente, a resistência que os judeus impetravam era uma violência contra a ordem estabelecida, como propõe Fairchild.

Nesta breve análise podemos ver que a resistência oferecida pelos judeus aos romanos está de acordo com o que os teóricos acima mencionaram. Mas o termo resistência deve ser tratado no plural, afinal suas formas de manifestação na Judéia são diversas, das quais este trecho apresentado é só um exemplo.

A riqueza e a complexidade das relações entre romanos e judeus da Judéia são tamanhas que, na continuação do relato da conquista do Templo por Pompeu, podemos mudar o foco da análise sem que tenhamos que mudar de contexto. Passamos então a aplicação do conceito de Tolerância. Vejamos a passagem a seguir:

*Pompeu lá entrou com os seus, o que era permitido somente ao Sumo Sacerdote, e eles viram o grande candelabro, as lâmpadas e a mesa de ouro, todos os vasos também de ouro, de que se serviam para as incensações, uma grande quantidade de perfumes mui preciosos e o dinheiro sagrado que perfazia o total de dois mil*

---

dar o devido valor ao povo que habitava uma certa região antes e durante a conquista imperial pelo povo invasor. Para ver mais, ler: SAID, E. W. **Cultura e Imperialismo**. SP: Cia. das Letras, 1995.

*talentos. Pompeu não tocou em nenhuma de todas estas coisas nem no mais, consagrado ao serviço de Deus e no dia seguinte à tomada do Templo, ordenou aos que lhe tinham guarda, que o purificassem e oferecessem os sacrifícios costumeiros.*<sup>33</sup>

Segundo Michael Walzer a palavra tolerância nos remete a uma coexistência pacífica entre povos com culturas diferentes, e seria vista, segundo o autor, em Impérios Multinacionais. O fato mais importante que se apreende dos estudos da tolerância em Impérios Multinacionais é que eles normalmente toleram grupos, suas autoridades e práticas, permitindo dessa forma que as identidades concentradas nesses grupos sejam reforçadas. Além disso, as comunidades que estão sob a égide do mesmo império têm de aceitar a sua diversidade cultural e saber lidar com a diferença. Dessa forma, Walzer vê o império multinacional, nas palavras dele, como um dos exemplos de coexistência pacífica, um local onde as alteridades se encontram, mas não necessariamente se agridem<sup>34</sup>.

No trecho de Josefo podemos ver que Pompeu, mesmo após ter entrado no Templo em sua parte mais sagrada, o Santo dos Santos, e obter o controle do local, age de uma forma respeitosa para com a cultura judaica, uma vez que não toca em nada e permite que os “sacrifícios costumeiros” não deixem de ser feitos. Mas por que Pompeu agiu desse modo? Essa é uma pergunta que ainda não podemos responder, no estágio atual da pesquisa o máximo que podemos fazer é nos questionarmos se foi uma atitude de respeito à especificidade cultural judaica, visto que o Templo já estava tomado, e seu controle estabelecido, ou de uma percepção de incapacidade romana de extinguir a cultura contrastante.

Supor que Pompeu respeitou a cultura judaica é filiar-se a idéia de Gilvan Ventura de que: “o politeísmo é a forma religiosa que menos se presta

---

<sup>33</sup> JOSEFO, F. Guerra dos Judeus contra os romanos, 5,31 In: **História dos Hebreus**. CPAD, 1995.

<sup>34</sup> Michael Walzer coloca o Império Romano como um dos Impérios Multinacionais que prestaram-se a tolerância, contudo não concordamos com a terminologia utilizada pelo autor. O mais adequado, talvez, não fosse o uso do termo Multinacional, mas sim o de Multicultural, em virtude das diversas culturas que coabitavam o Império Pois o termo nacional, nos remete por vezes a idéia de Estado-Nação, que não é o caso do Império Romano. Para ver mais: WALZER, Michael. **Da Tolerância**. Tradução Almiro Pisetta – São Paulo: Martins Fontes, 1999.

intolerância”<sup>35</sup>. Das palavras acima podemos lançar a idéia de que o Império Romano, como império politeísta até Constantino, prestava-se como tolerante. Contudo, quando nos referimos ao caso dos judeus da Judéia vislumbramos que a tolerância dos romanos era intermitente, e sempre dividia espaço com períodos deveras conturbados de intolerância. Além disso, não é possível deixar de notar que os processos de romanização das províncias muitas vezes não pregavam o tal respeito à diferença que mencionamos acima.

Por outro lado, ver o ato condescendente de Pompeu como um reconhecimento de incapacidade dos romanos de extinguir a cultura judaica naquele instante é estar de acordo com a idéia de tolerância vista no Dicionário de Política de Bobbio, que diz que a tolerância é a “abstenção de hostilidades para quem professa idéias políticas, morais e religiosas julgadas censuráveis”<sup>36</sup>. Ou seja, tolerância pressupõe uma liberdade cedida a quem age de forma censurável, contudo essa liberdade de ação seria algo permitido, suportado, uma concessão que poderia ser revogada a qualquer momento, uma vez que este respeito ao outro só ocorreria quando uma cultura não apresentasse os meios necessários para extinguir a cultura contrastante.<sup>37</sup> Assim, o que podemos dizer é que a tolerância surge, a princípio, como algo que vem de cima, de quem detém o poder, e é direcionada a quem a ele é submetido.

Quando o detentor do poder político ou territorial não respeita a diferença cultural podemos falar então que ele age de forma intolerante. Assim, será que a concessão supracitada pode ser vista como suspensa no ano de 132 de nossa era, quando o Imperador Adriano retira os judeus da Judéia? Talvez sim. Esse ato é tipicamente visto como intolerante, pois Adriano não seguiu nenhum dos preceitos elencados acima a respeito das características da tolerância. Pelo contrário, ele descartou a coexistência pacífica, e como

---

<sup>35</sup> VENTURA, G. Vertentes da intolerância religiosa no Império Romano: o caso dos Judeus. In: Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (5: 2003 Pelotas). **Fronteiras e etnicidade no mundo antigo**. [anais do] 5 Congresso Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos e 13 Reunião da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, 15 à 19 de Setembro de 2003./ Editores Chineme Khun Nobre, Fábio Vergara Cerqueira e Kátia Maria Paim Pozzer – Pelotas, 2003; Canoas, Ulbra: 2005

<sup>36</sup> ZANONE, V. Tolerância. In: BOBBIO, N; METTEUCCI, N. & PASQUINO, G. (orgs.). **Dicionário de Política**. Tradução: João Ferreira (org.). Editora UNB, Imprensa oficial. São Paulo, 2004

<sup>37</sup> Op.Cit.

obtinha o controle político da região, decidiu por retirar da Judéia o povo judeu. Em outras palavras, ele age de forma contrária a tolerância, por isso sua postura pode ser vista como intolerante.

A título de conclusão, devemos ressaltar que este artigo é um esboço do que a pesquisa da qual ele provém pretende estudar. Dessa forma ele mostra-se mais como um quadro de possibilidades de vertentes a serem caminhadas no longo estudo a respeito das dificuldades nas relações entre judeus e romanos na Judéia. Embora tenhamos analisado duas passagens de um relato do período, parece ficar claro que isso foi apenas a ponta do *iceberg*, e muito trabalho ainda há pela frente. Enfim, o que pretendemos deixar claro é que buscamos, com base nos conceitos de resistência, tolerância e intolerância compreender melhor o porquê do fracasso do processo de dominação imperial romana na Judéia dos séculos I a.C e II d.C.

### Documentação:

JOSEFO, F. “Guerra dos Judeus contra os romanos” In: **História dos Hebreus**. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

### Bibliografia:

Agra do Ó, Alarcon. **Edward Said: entre a crítica literária e a operação historiográfica**. Saeculum- Revista de História [12]; João Pessoa, jan./jun.2005

AURÉLIO, D.P. Tolerância/Intolerância. In: ROMANO, R. (dir). **Enciclopédia Einaudi** V.22. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda 1996, p.179-230.

AUGÉ, M. **O sentido dos outros**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. UNISINOS, São Leopoldo, 2006.

FAIRCHILD, H.P.(ed.) **Diccionario de Sociologia**. Tradución y revisión de T. Muñoz, J. M. Echavaria y J. Calvo. Fondo de Cultura Econômico; México, 1949.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 5 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

SAID, E. W. **Cultura e Imperialismo**. SP: Cia. das Letras, 1995.

SCOTT, J. **Formas Cotidianas de Resistência Camponesa**. Tradução: Marilda Aparecida de Menezes e Lemuel Guerra. Paraíba: Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia/UFPB, 1999.

VENTURA, G. Vertentes da intolerancia religiosa no Império Romano: o caso dos Judeus. In: Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (5:2003 Pelotas). **Fronteiras e etnicidade no mundo antigo**. [anais do] 5 Congresso Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos e 13 Reunião da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, 15 à 19 de Setembro de 2003./ Editores Chineme Khun Nobre, Fábio Vergara Cerqueira e Kátia Maria Paim Pozzer – Pelotas, 2003; Canoas, Ulbra: 2005 p.167 – 177.

VEYNE. P. **O inventário das diferenças**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

WALZER, Michael. **Da Tolerância**. Tradução Almiro Pisetta – São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ZANONE, V. Tolerância. In: BOBBIO, N; METTEUCCI, N. & PASQUINO, G. (orgs.). **Dicionário de Política**. Tradução: João Ferreira (org.). Editora UNB, Imprensa Oficial. São Paulo, 2004.

# TICINUM: UM ESTUDO DA PROPAGANDA POLÍTICA DE CONSTANTINO I

Mestrando Diogo Pereira da Silva (PPGHC-UFRJ)

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Norma Musco Mendes

O objetivo desta comunicação é apresentar algumas reflexões iniciais sobre a afirmação do poder imperial de Constantino I (306-337), através da difusão das moedas emitidas pela Casa de Cunhagem de *Ticinum*, entre 313 e 326. Pretendo analisar as tipologias monetárias e as legendas nas moedas de ouro e prata, e seu relacionamento com certas representações de Constantino, que eram propagadas a partir desta Casa de Cunhagem, partindo do pressuposto de que a moeda é um veículo importante para a divulgação de mensagens da autoridade que a cunhou (HOWGEGO, 1995: 73; FLORENZANO, 1985: 15).

As reflexões desta comunicação fazem parte da pesquisa de mestrado que desenvolvemos no âmbito do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC/UFRJ), vinculada também ao Laboratório de História Antiga da mesma instituição (LHIA/UFRJ). Nesta pesquisa analisamos os mecanismos de legitimação política de Constantino I (306-337), em especial as representações da figura deste imperador na documentação escrita cristã e pagã, e na documentação numismática.

Nesta comunicação não nos deteremos no estudo dos pesos, das ligas metálicas, dos aspectos peculiares de cada série – tais como marca das oficinas de cunhagem –, uma vez que nos apontariam outros caminhos que nos desviariam da problemática proposta.

Circunscrevendo o escopo documental do presente artigo, trabalharemos com as moedas emitidas pelas oficinas de cunhagem da cidade de Ticinum, e que, por sua vez, foram catalogadas pelo numismata finlandês Patrick Bruun para o projeto *The Roman Imperial Coinage*, cujo volume VII foi editado pela primeira vez em 1966.

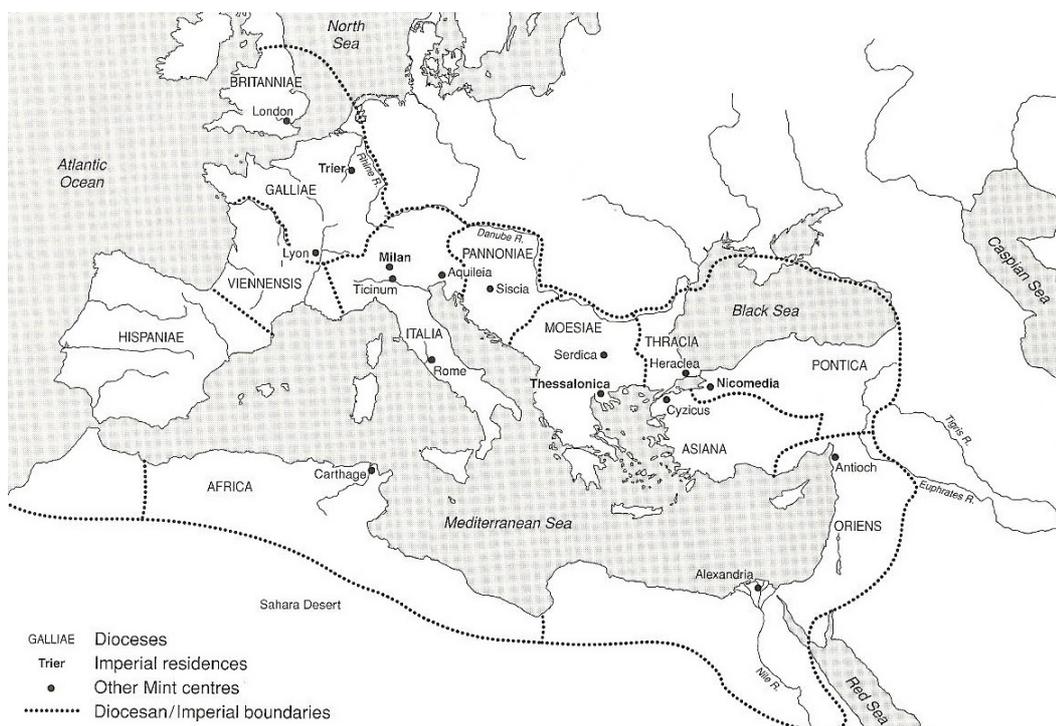
Analisando no nível da curta duração, procuraremos mostrar como estas séries numismáticas evidenciam a forma como o poder imperial desejava ser apresentado em toda sua magnificência e relacionamento com as fontes sobrenaturais de poder; além disso, esboçaremos um quadro do desenvolvimento da imagem de Constantino frente aos conflitos com Licínio.

Minha hipótese central é a de que as emissões monetárias em ouro de Ticinum representam a forma como a Corte Imperial desejava que a imagem de Constantino fosse apresentada, tendo em vista legitimar o poder deste imperador sobre a Itália, e difundir suas imagens para as províncias, àquela época, sob o domínio de Licínio.

II. As emissões monetárias da Casa de Cunhagem de *Ticinum* – cidade localizada numa área importantíssima para a política e guerra numa época de disputa interna – refletiam muito da efervescência e da rápida mudança da situação política de época de Constantino.

A cidade, como Milão – sua vizinha mais influente na qual estava localizada a residência imperial no norte da Itália –, estava a meio caminho das três grandes regiões romanas na Europa: a Gália a oeste, o Balcãs a leste, e pelo sul para a península itálica e Roma.

Durante a conquista gradual de todo o Império, Constantino fez bom uso desta posição vantajosa, nesta região concentrou seus exércitos para suas campanhas nas províncias balcânicas e danubianas – contra os germanos, e duas vezes contra Licínio.



**Mapa 1: Império Romano em 312 (ODAHL, 2004: 52)**

Após a derrota de Licínio (em 324), quando Constantino buscou consolidar uma posição segura na Europa oriental, observamos o processo de transferência da corte e da administração central para estas áreas recém-conquistadas, o que levou à gradativa perda de importância de Ticinum.

Após 321, Ticinum teve apenas duas emissões monetárias em ouro, uma imediatamente após a II Guerra Civil, outra em conexão com as comemorações de suas vicinâncias em Roma em 326, e sua subsequente estadia em Ticinum.

Um dos principais problemas da cunhagem de Ticinum está relacionado à antinomia existente entre as emissões de ouro (e prata) e bronze. Uma das possíveis razões para tal dessemelhança é que as emissões em ouro foram primariamente cunhadas na residência Imperial, sob os olhos da corte imperial, enquanto que as moedas de bronze foram cunhadas pelas oficinas locais, em circulações coordenadas com as emissões de Trier e Lugdunum, durante o reinado de Constantino.

Esta hipótese é eloquentemente ilustrada através de uma comparação entre as séries com a imagem estereotipada do Sol Invicto de Ticinum, cunhadas em 318, com as séries altamente individualizadas dos anos de 315-317.

A partir de 321 observamos a gradativa suspensão da cunhagem nesta cidade, coincidindo a última serie emitida nesta cidade com o fechamento com a partida de Constantino do norte da Itália para o Oriente, em fins de 326 – após o término de suas vicenárias

III. Dentro de nosso recorte temporal, a primeira emissão monetária em ouro, de Ticinum, foi durante o quarto consulado de Constantino (315). Depois a conferência de Milão (313), entre Licínio e Constantino, houve a emissão de seis séries em bronze nas quais foram representadas as efígies de ambos os imperadores relacionados à MARTI CONSERVATORI e ao SOLI INVICTO COMITI, e nenhuma de série em ouro.

Após este encontro, cada imperador partiu para sua própria guerra – Licínio contra Maximino, e Constantino contra as tribos germânicas do *limes* renano. Dois anos depois, no verão de 315, Constantino retornou para a Itália, para celebrar sua *decennalia* onde participou da dedicação de seu arco triunfal.

Interpretando o material numismático, percebemos que a primeira cunhagem em ouro desta cidade – após a conferência de Milão – foi emitida em conexão com a comemoração da *decennalia* de Constantino, e que esta emissão tinha um alto grau de relacionamento com uma cunhagem correspondente de Trier.

Em 315, Constantino iniciou seu consulado em Trier, onde também abriu as celebrações de suas decenais a 25 de Julho. Desta cidade, rumou para a Itália, onde as celebrações culminaram em Roma, com a dedicação do Arco de Constantino, e da Basílica de Maxêncio.

Neste contexto, encontramos a primeira série em ouro cunhada em Ticinum, na qual são celebradas as vitórias dos imperadores, a fidelidade do exército, a Paz eterna, e principalmente o papel de Constantino como restaurador da liberdade.

Nesta primeira emissão em estudo percebemos a forte influência do ideário e mística imperiais profundamente relacionados ao deus Sol Invicto, que aparece como *comes imperatori*, e inclusive numa efígie geminada.



**Moeda 1**

Datação: Ticinum, 316. AV / Solidus  
Anverso: Imperador laureado, em vestes militares à esquerda. Atrás Sol Invicto com coroa radiada à esquerda  
Legenda: COMIS CONSTANTINI AVG  
Desenvolvimento: Comis Constantini Augusti  
Reverso: Liberalitas vestindo uma túnica longa de pé à esquerda, cpa no ombro esquerdo, cornucópia na mão esquerda, e uma placa na mão direita  
Exergo: SMT  
Legenda: LIBERALITAS XI IMP IIII IMP COS P P  
Raridade: r1  
Bibliografia: RIC VII, Ticinum 53

Nesta moeda de ouro, temos no anverso a legenda COMIS CONSTANTINI AVG, e no reverso RESTITVTORI LIBERTATIS. No reverso Constantino entrega a Roma, sentada, o *orbis terrarum*. Este foi um dos motivos centrais na propaganda constantiniana pós-312, com o imperador sendo apresentado como aquele que derrotou o tirano – Maxêncio – e que trouxe para Roma, novamente, o domínio do mundo.

O relacionamento com o Sol Invicto é um dos motivos mais comuns nas moedas de Constantino cunhadas entre sua ascensão e o Concílio de Nicéia (306-324), sendo o momento auge os anos entre 310 e 318, conforme atestam as múltiplas séries emitidas nas cidades de Londres, Lyon, Trier, Roma, Aquiléia, Arles e Ticinum.

Por outro lado, neste mesmo período surge a primeira evidência de vinculação entre Constantino e a religião cristã. Em seu famoso artigo “The Helmet of Constantine with the Christian Monogram”, de 1932, Andreas Alföldy, estabeleceu uma classificação fundamental destas tipologias, na qual o imperador aparece com um capacete diferente daqueles do período da Tetrarquia, e mesmo posteriormente, e no qual Alföldy identifica o monograma de cristo.



**Moeda 1**

Datação: Ticinum, 315. AR

Anverso: Imperador em vestes militares, segurando um escudo (e.) – no qual são representados a loba, e Rômulo e Remo –, de 3/4, cavalo ao fundo à esquerda, estandarte ao fundo à direita; com um capacete elevado, com o monograma Chi-Rho

Legenda: IMP CONSTANTINVS P F AVG

Desenvolvimento: Imp(erator) Constantinus P(ius) F(elix) Aug(usto)

Reverso: Imperador em vestes militares de pé à esquerda, sobre uma plataforma coroadado por uma Vitória com a palma, troféu atrás à esquerda; nove soldados de pé – quatro segurando cavalos, dois segurando os estandartes, e quatro escudos.

Exergo: Inexiste

Legenda: SALVS REIPVBLICAE

Raridade: r1

Bibliografia: RIC VII, Ticinum 36

O caráter oficial desta moeda não pode ser posto em dúvida, entretanto, a circulação restrita deste medalhão comemorativo nos leva a concluir que seu impacto como meio de propaganda era extremamente limitado. Entretanto, pela

primeira vez, o monograma de Cristo foi retratado numa emissão monetária romana.

Interessante notarmos que no mesmo ano em que Constantino se apresenta num busto geminado com o Sol Invicto, o monograma de Cristo aparece em seu capacete, o que nos leva a problematizar as zonas de conflitos e os campos de contato entre pagãos e cristãos, e a forma como Constantino trabalhou para o desenvolvimento de uma política de tolerância.

Não apenas os motivos comemorativos podem ser vistos nestas emissões, uma vez que também podemos observar o crescimento das tensões entre Constantino e Licínio. Uma análise comparativa das séries cunhadas nos domínios de Constantino nos leva a concluir que as primeiras emissões mencionavam ambos os Augustos nas legendas de reverso – AVGG –, enquanto que nas últimas foram estampadas apenas a fórmula singular – AVG.

Outra característica da emissão monetária de 315 são os bustos nimbados de Constantino, em especial uma moeda comemorativa de seu consulado, na qual o imperador aparece no anverso com os atributos de sacralidade de um *dominus* e no reverso com os atributos de um magistrado romano – a cadeira curul, e o cetro –, e o *orbis terrarum*.



**Moeda 2**

Datação: Ticinum, 315. AV / Solidus  
Anverso: Imperador nimado, em vestes militares, de 3/4, sendo coroado por uma vitória à esquerda.  
Legenda: CONSTANTINVS P F AVG  
Desenvolvimento: Constantinus P(ius) F(elix) Aug(usto)  
Reverso: Imperador togado sentado numa cadeira curul à esquerda, segurando um cetro e o globo  
Exergo: PT  
Legenda: P M TRIB P COS IIII PP PROCOS  
Desenvolvimento: P(ontifex) M(aximus) Trib(unicia) P(ostesta) Co(n)s(ul) IIII P(ater) P(atriciae) Proco(n)s(ul)  
Raridade: r3  
Bibliografia: RIC VII, Ticinum 38

Em geral, as cunhagens em ouro subseqüentes apresentam Constantino como o vencedor dos bárbaros, como é o caso da **moeda 4**, na qual o imperador aparece no reverso como o VICTOR OMNIVM GENTIVM, em vestes militares, com o *orbis terrarum* e uma lança; sendo coroado por uma vitória.



**Moeda 3**

Datação: Ticinum, 316. AV / Solidus  
Anverso: Imperador laureado à direita  
Legenda: CONSTANTINVS MAXIM AVG  
Desenvolvimento: Constantinus Maxim(us) Aug(ustus)  
Reverso: Imperador em vestes militares de pé à esquerda, segurando um globo na mão direita, e uma lança na mão esquerda; atrás dele uma vitória o coroa.  
Exergo: SMT  
Legenda: VICTOR OMNIVM GENTIVM  
Raridade: r1  
Bibliografia: RIC VII, Ticinum 57

A difusão destas moedas se dava entre os grupos dominantes, os membros da administração imperial e as pessoas mais ricas das cidades. Em

especial, Ticinum cunhou para abastecer o norte da Itália, e a região da Panônia, àquela época dominada por Licínio, uma vez que a Casa de Cunhagem de Sérdica (atual Sófia, na Bulgária) foi fechada em 313-314, e Tessalônica e Sirmium cunhavam apenas moedas em bronze.

Deste modo, as moedas de ouro cunhadas em Ticinum tinham como público alvo as elites locais das províncias danubianas e ilíricas de Licínio, as quais foram tomadas por Constantino após a I Guerra Civil (315-316).

Nestas moedas observamos a imagem de Constantino como um imperador sagrado, com um relacionamento especial com o Sol Invicto. Além disso, estas moedas se remetiam a um contexto militar, haja vista que buscavam apresentar a imagem de Constantino como o imperador capaz de derrotar os bárbaros, o que Licínio era incapaz.

Pouco antes do segundo conflito com Licínio, outra série (cunhada entre 320-321), reafirma o relacionamento entre Constantino e o Sol Invicto. Interessante notarmos as similitudes entre esta tipologia de reverso, e as que eram cunhadas deste o período da Tetrarquia – que eram mantidas nas casas de Licínio –, nas quais o imperador aparece recebendo a Vitória de Júpiter. Neste sentido, enquanto Licínio se apresenta sob a proteção de Júpiter, Constantino se apresenta sob a proteção do Sol Invicto.



**Moeda 4**

Datação: Ticinum, 320-1. AV / Solidus  
Anverso: Imperador laureado à direita  
Legenda: CONSTANTINVS P F AVG  
Desenvolvimento: Constantinus P(ius) F(elix) Aug(usto)  
Reverso: Sol de pé à direita, com a chlamys, apresentando a Vitória alada sobre um globo a um imperador em vestes militares, com capa de pé à esquerda; entre eles um suplicante  
Exergo: SMT  
Legenda: SOLI COMITI AVG N  
Desenvolvimento: Soli comiti Aug(usti) N(ostri)  
Raridade: r3  
Bibliografia: RIC VII, Ticinum 108

IV. Como forma de conclusão deste esboço, propomos que as moedas cunhadas em *Ticinum*, por um lado, difundiam as representações de Constantino como um monarca sagrado, relacionado com as potestades superiores – como o Sol Invicto, como o Deus cristão; e, por outro lado, observamos o conflito de imagens com Licínio, sendo estas moedas um veículo de propaganda política de Constantino, e de afirmação de sua supremacia sobre este imperador, especialmente após a I Guerra Civil, e que culminou com o domínio completo do Império Romano por Constantino em 324.

## Bibliografia

- ALFÖLDY, Andreas. *The helmet of Constantine with the Christian Monogram*.  
**The Journal of Roman Studies**. Society for promotion of Roman Studies.  
v. 22. pp. 9-23, 1932
- BRUNN, P. M. Constantine and Licinius (313-337). In. SUTHERLAND,  
C.H.V. CARSON, R.A.G. **The Roman Imperial Coinage**. v. VII. London:  
Spink and Son LTD, 1966
- CARRIÉ, Jean-Michel. ROUSSELLE, Aline. **L'Empire romain en mutation**.  
Paris: Éditions du Seuil, 1999
- DEPEYROT, Georges. *Economy and society*. In. LENSKI, Noel. **Age of Constantine**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. pp. 226-253  
(The Cambridge Companion)
- DRAKE, Harold Allen. **Constantine and the bishops: the politics of intolerance**. Baltimore: JHUP, 2000
- ELSNER, Jaś. *Perspectives in Art*. In. LENSKI, Noel. **Age of Constantine**.  
Cambridge: Cambridge University Press, 2006. pp. 255-277 (The  
Cambridge Companion)
- HOWGEGO, Christopher. **Ancient History from coins**. London & New York:  
Routledge, 1995.
- MATTINGLY, Harold. *Ancient coins and the classics*. **Greece & Rome**.  
Cambridge University Press. v. 1. n. 2. pp. 74-78, Feb. 1932
- ODAHL, Charles Matson. **Constantine and the Christian Empire**. London &  
New York: Routledge, 2004
- SUTHERLAND, C. H. V. *The Intelligibility of Roman Imperial coin types*. **The Journal of Roman Studies**. Society for promotion of Roman Studies. v. 49.  
pp. 46-55, 1959

## DISPUTAS POLÍTICAS E CONFLITOS SOCIAIS EM CORINTO NO SÉCULO V A.C.

Maurício dos Santos Ferreira

Orientado por: prof<sup>o</sup>. Dr. Alexandre Carneiro Cerqueira Lima

### **A cidade de Corinto: desenvolvimento, hegemonia e representação política.**

Os estudos da antiga *Hélade* por muito tempo apenas privilegiaram as abordagens de análise dos acontecimentos na *pólies* melhor documentada, Atenas. No entanto recentes estudos se empenham em analisar a história do homem grego a partir de novas perspectivas deslocando a ótica de análise para cidades e povos repletos de vestígios tanto arqueológicos quanto iconográficos a espera de ser estudado. É bem verdade que os documentos escritos, diretos ou indiretamente, sobre Atenas e a Lacedemônia foram melhores preservados ao longo dos séculos.

Em uma tentativa de mudar o ângulo de observação do período clássico, propomos uma análise do desenvolvimento social e econômico da cidade de Corinto como forma de compreender os interesses de Corinto e seu papel como cidade articuladora de uma oposição bem marcada contra Atenas.

Neste grande embate bélico se consolidaram dois eixos de polarização da *Hélade*: a liga de Delos e a liga do Peloponeso. Esta última formada sob a liderança militar/tática da Lacedemônia, no entanto a formação desta liga só foi possível graças às articulações e pressões de Corinto. A manutenção da guerra em defesa da inalteração do *status quo* das forças políticas foi o principal objetivo da diplomacia coríntia que já havia perdido seus monopólios de comercialização e percebeu as intenções expansionistas de Atenas.

A cidade de Corinto, em seu desenvolvimento histórico foi o centro dos acontecimentos relevantes da *Hélade* de forma figurada e literal já que seu território corresponde à parte central da Grécia. O desenvolvimento da cidade, nos séculos VII ao VI a.C, se deu em torno de três esferas intimamente entrelaçados: o comércio (*Empóron*), a política (interna, com a sucessão de regimes de liderança e externa com a representação para a guerra) e a religião. Todos os três fatores mantêm-se interligados.

O comércio se articula com a política externa à medida que o Estado é construído de forma a favorecer as estruturas comerciais e as intervenções externas – como a Guerra do Peloponeso que têm seu início em virtude de fatores, em grande medida, econômicos.

A religião foi um fator de grande relevância para o estudo do desenvolvimento da cidade e da ampliação de seu poder, influenciando no resto do mundo antigo. Serve, para tanto, como elemento de consolidação e legitimação das políticas governamentais<sup>i</sup> e é através dela que são construídos os protocolos para as intermediações da política externa.

O ritual da Xênia como instituição divina e jurídica<sup>ii</sup>; a prostituição sagrada como culto em honra a Afrodite e os jogos ístmicos consagrados a Poseidon, serviram como instrumentos para o desenvolvimento do comércio de Corinto com as demais poléis da *Hélade* e as colônias da Ásia menor. Estes elementos junto com os cultos e templos de divindades urbanas na *Ásty*, somado ao papel das divindades de caráter rural no espaço *Chôra* contribuíram para a demarcação das fronteiras étnicas e físicas.

Podemos ver que a cidade prosperou desde cedo com o auxílio da religião<sup>iii</sup>, que como em outras partes do mundo antigo, serviu para legitimar as ações das elites dirigentes. Além de servir como marco de identificação atuando na esfera da identidade/etnicidade nas relações entre cidades e no conjunto da *Hélade*<sup>iv</sup>. Na Guerra do Peloponeso as cidades que compõem as ligas passam a se identificar, seja por estar passando por situação semelhante tendo a mútua cooperação como solução para um problema comum, seja por ligações ancestrais, étnicas ou geográficas.

E, por conseguinte a política que se desenvolve, interna e externamente, apoiada nos pilares religiosos e econômicos articulando com os outros fatores de modo que se alcance um desenvolvimento da sociedade coríntia como um todo.

Em nossa análise o aspecto geográfico e mítico da cidade demonstra não só sua grandiosidade no período anterior ao V século, como também percebemos que os aspectos peculiares do mito acerca da criação da cidade serviram para legitimar sucessivos poderes locais. Para tal se utilizou à visão do viajante Pausânias<sup>v</sup> que mesmo vivendo após a reconstrução da cidade já sob a dominação romana, fez questão de investigar a origem da fama de opulência da cidade através da remanescente arquitetura.

As transformações política e social foram responsáveis pelo destaque da cidade como centro cosmopolitano tendo como principal fator o comércio. Este foi favorecido por uma estrutura governamental que articulou vários aspectos e segmentos sociais em prol de um desenvolvimento das atividades do comércio e serviços.

A guerra modifica as necessidades primárias dos coríntios, todavia o sistema político interno não sofre bruscas transformações ao passo que a oligarquia de Corinto permanece coesa, pelo menos na conjuntura da guerra, pois é obvio que a representação externa de um grupo é o vetor resultante das forças políticas internas em constante movimentação, em suas decisões e ações na guerra.

Para compreendermos a participação de Corinto na Guerra do Peloponeso, no século V a.C, decidimos privilegiar os aspectos iniciais do conflito. Para este desenvolvimento foi realizada uma análise da representação política da cidade através dos dois discursos de Corinto. Um em Atenas na qual foi feita uma defesa do direito de intervenção de Corinto no conflito em Epidamnos (TUCÍDIDES, I, 37 a 43). O segundo se deu na Lacedemônia como mecanismo para convencer lacedemônios e aliados do Peloponeso a unir-se contra o processo de expansão imperialista de Atenas (TUCÍDIDES, I, 120 a 124).

Corinto faz-se representar na guerra através dos discursos realizados junto aos atenienses para tentar respeitar seus direitos e prestígio, adquiridos ao longo dos séculos que antecederam o conflito. Também através dos discursos feitos na Lacedemônia com o objetivo de reunir aliados, igualmente prejudicados ou não, para garantir seus direitos como cidade fundadora e para assegurar a hegemonia política e econômica que possuiu.

Podemos ver que Corinto estava acostumado a usar os mecanismos político nas relações sociais externas, visto que, em todo o conflito atuou como rápido articulador. Esta postura política da cidade permaneceu constante com o decorrer da guerra.

A análise dos mecanismos políticos utilizados por Corinto na política externa são mais profundos que da fração dos relatos de Tucídides que foi escolhido para basilar este trabalho. Corinto efetuou diversos outros discursos e empregando inúmeras formas de representação dos seus interesses, entretanto este trabalho pontuou os primeiros momentos do conflito e da criação da Liga do Peloponeso, deixando o desenrolar da guerra e o forte papel de Corinto para pesquisas futuras.

### **Quadrado semiótico**

O trecho abaixo se refere ao primeiro discurso de Corinto na Lacedemônia (TUCÍDIDES, I, 120 e 121) compondo assim nosso Corpus e como forma de análise documental, optamos pelo método do sistema de significação do texto proposta por Bakhtin. Para o teórico o *“texto ou discurso aparece como uma formação semiótica singular, fechada, dotada de um significado e uma função integral.”*<sup>vi</sup>

Optamos então pela construção de um quadrado semiótico do discurso como proposto por Ciro Flamarion e Ronaldo Vaifas na obra Domínios da História. Os termos geradores elegidos foram o bom e o mau julgamento que pode ser adotado pelos Lacedemônios após suas deliberações. Vale ressaltar que Corinto necessitava do prestígio bélico dos lacedemônios e para alcançar seus objetivos introduz no seu discurso elementos de convencimento indiretos e argumentos diretos. Fica evidente intenção de Tucídides em trazer a relevância às vantagens da ajuda mútua para os peloponésios destacando a

desvantagens das decisões que cogitem apenas os interesses individuais gerando para isto no discurso relações eufóricas entre a dêixis positiva que valorizem decisões favoráveis a guerra e que privilegiem a os interesses comuns e disfórica da dêixis negativa para o atraso nas decisões e novas tentativas de acordos isolados que privilegiem os interesses particulares e individuais.

### Bons juízes

“Já não podemos queixar-nos, aliados, de que os lacedemônios não votaram pela guerra”

“(…) convenha aos homens de discernimento permanecer tranquilos se ninguém os molestar, convém aos bravos, quando ofendidos, mudar da paz para a guerra, prontos, porém, para abandonar a guerra e retornar à paz quando chegar o momento propício”

### Interesses próprios

“Aqueles, todavia, que vierem mais do interior e longe das rotas de comércio (...) se não ajudarem os habitantes do litoral, terão maiores dificuldades para trazer seus produtos de suas terras até o mar e levar, em contrapartida, o que o mar oferece ao interior”

“(…) mas deverão esperar que, se abandonarem o litoral à sua própria sorte, o perigo poderá algum dia chegar até eles, pois estarão deliberando sobre seus próprios interesses, não menos que os nossos”

### Interesses comuns

“Agora nos levantamos para a guerra por havermos sido ultrajados e por termos muitos motivos de queixas”

“(…) é dever dos detentores da hegemonia, ao mesmo tempo que deliberam eqüitativamente sobre seus próprios interesses, dar atenção especial aos interesses gerais”

### Maus juízes

“(…) não deverão ser juízes displicentes”

“(…) aquele que fugir à guerra por causa de suas comodidades, muito provavelmente, se permanecer indiferente, bem depressa perderá os deleites da vida pacata que o levava a omissão”

“(…) aquele que se empolgar pelo sucesso da guerra e não perceber quão enganadora é a confiança que o exalta”.

## Bibliografia

- BURN, A. R. As cidades rivais da Grécia. Ed Verbo: 1972
- CHEVITARESE, André Leonardo. O espaço rural na pólis grega: o caso ateniense no período clássico. Héliade; suplemento III. Rio de Janeiro: Fábrica de livros, 2001
- CARDOSO, Círo Flamarion S. Narrativa, Sentido, História.- Campinas, SP: Papirus, 1997.
- CARDOSO, Círo Flamarion S; VAIFAS, Ronaldo. Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia. -Rio de Janeiro: Campus, 1997
- DABDAB, José Antônio Trabulsi. Ensaio sobre a mobilização política na Grécia antiga. Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, 2001
- FINLEY, Moses I. A política no mundo antigo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- FORNIS, César Antonio. Estabilidad y Conflicto Civil en la Guerra del Peloponeso: Lãs sociedades corintia y argiva. Oxford. Archaeopress. Publishers of the British Archaeological Reports. 1999. 134. ISBN: 0-86054-970-4.
- GLOTZ, Gustave. A cidade grega. São Paulo, Difel, 1980.
- \_\_\_\_\_, História econômica da Grécia. Desde o período homérico até à conquista romana. Trad.Vitorino M. Godinho. Lisboa: Cosmos, 1920. v. 1
- GRALHA, Julio Cesar Mendonça. Deuses, Faraó e o poder: Legitimidade e imagem do Deus Dinástico e do monarca no antigo Egito- 1550-1070 a.C.- Rio de Janeiro: Barroso Produções editoriais, 2002
- GUARINELLO, Norberto Luiz. Imperialismo Greco-Romano. Série Princípios. São Paulo: Editora Ática, 1997.
- HERÓDOTO. História. 2ª ed. São Paulo: Ediouro, 2001.
- LIMA, Alexandre Carneiro Cerqueira. Contatos entre coríntios e etruscos: uma leitura da “Ólpe de Chigi”. Phoinix 7: 49-58, 2001.

- \_\_\_\_\_. Cultura popular em Corinto: Kômoi nos VII – VI a.C. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro – Programa de Pós-Graduação em História Social, 2001.
- \_\_\_\_\_. O Dialogo entre o Oficial e o Popular em Corinto no século VII ao VI a.C. Phoinix 6: 23-31, 2000.
- \_\_\_\_\_. Xenía e Kômoi em Corinto Cypsélida.Hélade (3), 2002.([http://www.heladeweb.net/N2%202002/alexandre\\_carneiro.htm](http://www.heladeweb.net/N2%202002/alexandre_carneiro.htm)).
- MOSSÉ, Claude. As instituições gregas, Lisboa: Edições 70, 1985.
- \_\_\_\_\_. Atenas: A história de uma democracia. – 3ª ed. – Brasília: Editora Universitária de Brasília, 1997.
- PAUSÂNIAS. Descripcion de Grécia. Libros I-II. Trad. M.C. Herrero Ingelmo. Madrid: Gredos, 1994.
- SALES, Catherine. Nos submundos da antigüidade: Lês bas-fonds de l'antiquité. São Paulo: Edições Brasiliense, 1983.
- TUCÍDIDES. História da guerra do Peloponeso, 3ªed., tradução de Mário da Gama Cury, Brasília: Editoras universitárias de Brasília, c1986, 1999.

#### Notas

<sup>i</sup> Ver Alexandre Lima em sua tese de doutorado onde o autor analisa a influencia dos cultos populares para legitimação do poder do governo dos Cypsélidas.

<sup>ii</sup> LIMA, Alexandre Carneiro Cerqueira. O ritual da prostituição sagrada e a economia em Corinto arcaica. Phoinix : 9, 2003.

<sup>iii</sup> Ver FORNIS, 1999; LIMA, 2001; GRALHA, 2002; César Fornis trabalha com o desenvolvimento comercial e manufatureiro em Corinto; Alexandre Lima analisa a importância da cidade e sua representação externa através da análise de vasos e aríbalos encontrados nas suas diversas colônias já Julio Gralha relaciona as transformações nos cultos com a tentativa de reestruturação do poder dinástico.

<sup>iv</sup> Ver CHEVITARESE, 2001

<sup>v</sup> PAUSÂNIAS. Descripcion de Grécia. Libros I-II. Trad. M.C. Herrero Ingelmo. Madrid: Gredos, 1994. Pausânias foi um viajante romano que viveu por volta do século II d.C e descreveu os aspectos arquitetônicos, geográficos e religiosos.

<sup>vi</sup> CARDOSO, Ciro Flamarion S; VAIFAS, Ronaldo. Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia. -Rio de Janeiro: Campus, 1997